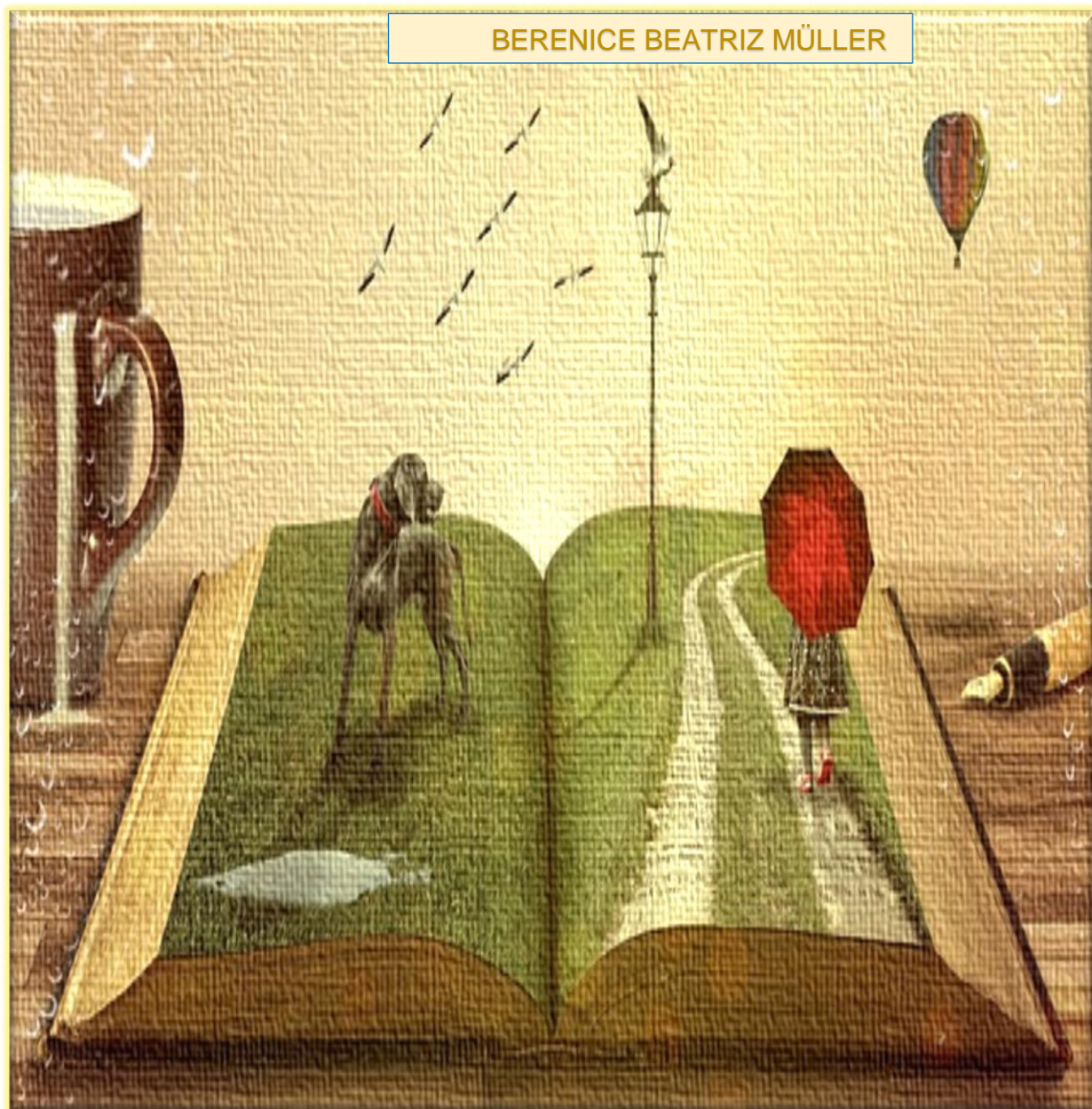


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
Faculdade de Biblioteconomia

BERENICE BEATRIZ MÜLLER



**UMA BIBLIOTECA, UM PUNHADO DE CRIANÇAS E UMA HISTÓRIA A CONTAR:
a biblioteca comunitária Nova Choclatão à luz da Psicologia Ambiental.**

Porto Alegre

2015

BERENICE BEATRIZ MULLER

**UMA BIBLIOTECA, UM PUNHADO DE CRIANÇAS E UMA HISTÓRIA A CONTAR:
a biblioteca comunitária Nova Chocolatão à luz da Psicologia Ambiental.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa

Coorientadora: Dra. Camila Bolzan de Campos

Porto Alegre

2015

BERENICE BEATRIZ MULLER

**UMA BIBLIOTECA, UM PUNHADO DE CRIANÇAS E UMA HISTÓRIA A CONTAR:
a biblioteca comunitária Nova Chocolatão à luz da Psicologia Ambiental.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa
Coorientadora: Dra. Camila Bolzan de Campos

Aprovada em: ____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jorge Castellá Sarriera

Prof. Dr. Valdir José Morigi

“A tela de tua vida tu mesmo pintas.
És o pincel, e o mundo, o papel.
Tua atitude é a tinta com que pintas a própria vida.
Pinte uma tela multicolorida de tua vida.
Use tintas branca, preta, multicores na tela.
Pinte o arco-íris, a íris dos olhos, tela do mundo.
A vida é uma tela e tem as cores que sobre ela se pinta.
Somos o pintor, o mundo é a tela”.

Adalberto Antônio de Lima

Dedico este trabalho a meu filho, minha irmã, meus falecidos pais, meu orientador e minha coorientadora.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais, já falecidos, por terem me proporcionado uma boa educação, calcada em princípio éticos e morais e terem sempre privilegiado a importância de agirmos de acordo com a verdade e a justiça nas relações pessoais e profissionais.

Agradeço ao meu filho, Raul, por ser uma pessoa tão especial em minha vida, pela cumplicidade, pelo incentivo e confiança em minha capacidade, pelos beijos e abraços, por ser também um confidente e amigo, enfim, por ser meu filho amado.

Agradeço à minha irmã, Clarice, por todo o apoio, carinho e incentivo durante todos os momentos difíceis que passamos juntas; e, também por ser uma amigona, uma companhia alegre, instigante, contestadora, sempre disposta para uma viagem, um cineminha, um chopinho com amigos ou um show.

Agradeço a todos os colegas de turma que iniciaram no primeiro semestre de 2012 esta jornada juntamente comigo; por terem sido pessoas tão queridas e terem tornado estes dias tão prazerosos e inesquecíveis. Já sinto saudades antecipadas de todos eles.

Agradeço às amigas do chá das gurias que tantas vezes compartilharam das minhas incertezas e angústias e me deram seu apoio e amizade.

Agradeço a meu orientador, professor Rodrigo Silva Caxias de Sousa, por toda a paciência, carinho e atenção dispensados durante todo o curso e principalmente durante as orientações do TCC;

Agradeço à Camila Bolzan de Campos por ter aceitado ser minha coorientadora, pela disponibilidade e incentivo e pelos cafés regados à Psicologia Ambiental;

Agradeço aos professores Jorge Castellá Sarriera e Valdir Morigi pelas aulas memoráveis das quais participei como aluna e por terem aceitado participar da minha banca de avaliação;

Agradeço a todas as pessoas que eu conheci durante o estágio nas bibliotecas comunitárias: Márcia Cavalcante, Camila S. Tressino, Silvia Preto, Maria Fernanda Viegas, Rafael Siqueira, Mascote, etc., e, especialmente às crianças da biblioteca Nova Chocolate.

Agradeço a todas as experiências boas que vivi ao longo dos últimos anos, às lembranças boas que ficarão desses quatro anos na Fabico, às viagens que já fiz e às que ainda pretendo fazer, enfim... à vida.

Encerro estes agradecimentos com um trecho da letra da música “O que é, o que é?” de Gonzaguinha.

Eu fico com a pureza das respostas das crianças:

É a vida! É bonita e é bonita!

Viver e não ter a vergonha de ser feliz

Cantar,

A beleza de ser um eterno aprendiz

Eu sei

Que a vida devia ser bem melhor e será,

Mas isso não impede que eu repita:

É bonita, é bonita e é bonita!

EPÍGRAFE

Música Aquarela
Autor: Toquinho

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo
Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva
E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva
Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel
Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu

Vai voando, contornando a imensa curva norte-sul
Vou com ela viajando Havaí, Pequim ou Istambul
Pinto um barco a vela branco navegando
É tanto céu e mar num beijo azul

Entre as nuvens vem surgindo um lindo avião rosa e grená
Tudo em volta colorindo, com suas luzes a piscar
Basta imaginar e ele está partindo, sereno e lindo
E se a gente quiser ele vai pousar

Numa folha qualquer eu desenho um navio de partida
Com alguns bons amigos bebendo de bem com a vida
De uma América a outra consigo passar num segundo
Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo

Um menino caminha e caminhando chega no muro
E ali logo em frente a esperar pela gente o futuro está
E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar
Não tem tempo nem piedade nem tem hora de chegar
Sem pedir licença muda nossa vida
Depois convida a rir ou chorar

Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá
O fim dela ninguém sabe bem ao certo onde vai dar
Vamos todos numa linda passarela
De uma aquarela que um dia enfim
Descolorirá

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
Que descolorirá
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo
Que descolorirá
Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo
Que descolorirá

RESUMO

Este estudo aborda as noções de Apropriação do espaço, Identidade de Lugar e Sentimento de pertencimento, oriundas da Psicologia Ambiental, em relação à biblioteca comunitária Nova Chocolate, por parte dos seus usuários (as crianças). Apresenta um breve histórico das origens da Vila Chocolate e do posterior reassentamento das famílias no loteamento Residencial Vila Nova Chocolate. Descreve o arranjo espacial da biblioteca comunitária Nova Chocolate. Traça um breve relato das origens da Psicologia Ambiental, assim como dos conceitos de Apropriação do espaço, Identidade de lugar e Sentimento de pertencimento. Faz uso dos relatos originados na observação participante para compor o Diário de Campo. Aborda os princípios básicos das teorias de Luquet e Piaget sobre o desenvolvimento de desenhos infantis. Através da análise de conteúdo de Bardin identifica no Diário de campo as seguintes categorias analíticas: Brincadeiras, Descontração, Educação e Apropriação. Elenca nos Desenhos Infantis as seguintes categorias analíticas: Natureza, Ambiência, Simbolismo, Motivações e Emoções/Sentimentos obtidos através da análise de conteúdo. Elabora tabela no programa Word com as categorias analíticas apuradas no Diário de Campo e ilustra com trechos dos textos. Identifica as categorias analíticas apuradas nos desenhos infantis e ilustra com as fotos digitalizadas dos referidos desenhos. Na discussão dos resultados ressalta que os trechos extraídos do Diário de Campo atestam a manifestação de Apropriação do Espaço entre as crianças usuárias da biblioteca. Nos desenhos infantis se manifesta o laço afetivo das crianças em relação à educadora. Comenta o fato de os educadores das bibliotecas comunitárias exercerem informalmente o papel de cuidadores das crianças devido às difíceis condições sociais dos moradores do bairro. Conclui o estudo salientando a importância do papel social que as bibliotecas comunitárias desempenham no processo de formação da identidade pessoal e social das crianças usuárias dessas bibliotecas.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteca comunitária. Psicologia Ambiental. Apropriação do espaço. Identidade de lugar. Sentimento de pertencimento. Apego ao lugar. Análise de conteúdo. Desenhos infantis.

ABSTRACT

This study addresses the concepts of Space's Appropriation, Identity Place and Sense of Belonging arising from the Environmental Psychology, regarding community library Nova Chocolatão, by their users (children). It presents a brief history of the origins of Vila Chocolatão and the subsequent resettlement of families in the Residencial Vila Nova Chocolatão. Describes the Spatial Arrangement of the community library Nova Chocolatão. Traces a brief account of the origins of Environmental Psychology, as well as the concepts of Space's Appropriation, Place Identity and Sense of Belonging. It makes use of the reports on participant observation to make up the field diary. It covers the basics of Piaget and Luquet's theories on the development of children's drawings. Through Bardin's Content Analysis identifies in the field diary the following analytical categories: Play, Relaxation, Education and Appropriation. Children's drawing lists in the following analytical categories: Nature, Ambience, Symbolism, Motivations and Emotions / Feelings obtained through content analysis. Elaborates table in Word program with the analytical categories cleared in the field diary and illustrates with excerpts from texts. Identifies the analytical categories cleared in children's drawings and illustrates with scanned photos of the drawings. In the discussion of the results points out that the field diary excerpts attest to the Space's Appropriation manifestation among children using the library. Children's drawings shows the bond of affection of them in relation to the educator. Comments that educators of the community libraries informally are exercising the role of caregivers of children due to difficult social conditions for local residents. The study concludes by stressing the importance of the social role that community libraries play in the formation of personal and social identity of these children.

KEYWORDS: Community library. Environmental Psychology. Space's appropriation. Identity place. Sense of belonging. Place attachment. Content analysis. Field diary. Children's drawings.

SUMÁRIO

1	COMO TUDO COMEÇOU	10
2	PSICOLOGIA AMBIENTAL: breve histórico de suas origens e introdução de alguns conceitos	15
2.1	O PALCO DAS CRIANÇAS É O ESPAÇO DA BIBLIOTECA	22
2.2	UM LUGAR PARA BRINCAR, APRENDER E SE SENTIR EM CASA	26
3	BIBLIOTECA COMUNITÁRIA: e as divergências sobre ser uma biblioteca pública ou popular	31
3.1	BIBLIOTECA COMUNITÁRIA NOVA CHOCOLATÃO: um lugar onde as crianças podem rir e conversar	34
4	ROTEIRO DA HISTÓRIA	41
4.1	O CENÁRIO	42
4.2	OS ACESSÓRIOS UTILIZADOS	42
4.2.1	Tardes passadas na biblioteca	43
4.2.2	A criançada e seus desenhos	44
4.3	AS FORMAS DE EXPRESSÃO DOS PERSONAGENS	47
4.3.1	O texto e suas representações	47
4.3.2	Os desenhos e suas representações	48
5	AS REPRESENTAÇÕES DAS CRIANÇAS SOBRE OS ESPAÇOS DA BIBLIOTECA NOVA CHOCOLATÃO	50
5.1	OS SIGNIFICADOS POR TRÁS DAS PALAVRAS	50
5.2	OS SIGNIFICADOS DA BIBLIOTECA ATRAVÉS DOS DESENHOS DAS CRIANÇAS	54
6	DESVENDANDO OS MISTÉRIOS: comentando os resultados apurados no Diário de Campo e nos Desenhos Infantis	64
7	ENCERRANDO A JORNADA	68
	REFERÊNCIAS	70

1 COMO TUDO COMEÇOU

Quando éramos crianças a leitura era, para nós, uma companhia prazerosa, cultivada desde quando líamos os gibis; depois vieram as fotonovelas e os romances baratinhos das bancas de jornais. Já os livros, eram na maioria das vezes emprestados na biblioteca pública estadual, que naquela época funcionava normalmente¹.

Sentíamos um misto de respeito e temor pelo semblante autoritário e severo da bibliotecária, e o ambiente sombrio e silencioso que imperava na biblioteca pública. As bibliotecas, apesar de serem o local onde buscávamos os nossos preciosos amigos, os livros, eram locais onde não sentíamos vontade de ficar. Eram espaços grandes, frios, impessoais e com um insuportável silêncio a ser mantido, sempre sob o olhar atento da bibliotecária. Nós tínhamos o costume de levar os livros para casa e os líamos no conforto do sofá, junto do toca-discos, ouvindo músicas românticas e sonhando com os enredos dos romances e novelas. E não conseguíamos entender porque as bibliotecas tinham que ser tão rígidas e silenciosas.

Nos perguntávamos: porque não se podia conversar e rir com os amigos, de forma natural e espontânea naquele ambiente? Víamos que as bibliotecas estavam vazias, num silêncio sepulcral. Onde estavam as crianças? Mas também sabíamos que um ambiente tão silencioso e cheio de regras não era lugar que atraísse crianças, pelo contrário, elas ficavam intimidadas pela quantidade de proibições: não falar alto, não rir, não fazer barulho, não correr, etc. Muitos não. Nada que atraísse as crianças e as aproximasse do mundo dos livros e dos sonhos acordados.

Quando ingressamos na faculdade de Biblioteconomia, percebemos que as bibliotecas, em sua maioria, continuavam com a mesma estrutura rígida e formal. No período de estágio obrigatório escolhemos as bibliotecas comunitárias Ceprimoteca e Vila Nova Chocolate, ambas administradas pela Organização Não Governamental Centro de Integração de Redes Sociais e Culturas Locais (Ong Cirandar). A Ceprimoteca era frequentada por um público adulto de mulheres que participavam das atividades esportivas do centro comunitário, porém a biblioteca da Vila Nova Chocolate era frequentada por crianças, o que fazia toda a diferença.

¹ O prédio da Biblioteca Pública Estadual do RS está em obras de restauro e reforma pelo Projeto Monumenta desde o ano de 2007. Está fechada à visitação pública e parte do acervo e dos serviços foi transferido para a Casa de Cultura Mário Quintana, onde funciona temporariamente a biblioteca.

Durante o estágio na biblioteca Nova Chocolate fomos ficando cada dia mais encantados pela estrutura dessa biblioteca e pelas crianças que a frequentavam. Foi observando a forma como essas crianças se relacionavam com o ambiente da biblioteca que o tema do projeto de pesquisa começou a se delinear em nossa mente. O aspecto que mais nos encantava era o colorido presente em toda a biblioteca a começar pelas paredes pintadas nas cores vermelho, laranja, verde e azul em tons fortes, além da desinibição e alegria presentes nos comportamentos descontraídos e relaxados das crianças, que agiam como se estivessem em suas casas. Mas o principal era que as crianças não precisavam ficar quietas, fazer silêncio; pelo contrário, elas andavam livremente pela biblioteca, rindo, conversando, correndo, em total liberdade, entrando e saindo a todo momento.

E os livros !! Um acervo todo pensado para deleitar os olhos da gurizada. Livros e mais livros de autores renomados, com ilustrações maravilhosas e, ao alcance das mãozinhas curiosas dessas crianças. Tais comportamentos por parte das crianças foram o eixo motivador do estudo e nos conduziram ao objetivo dessa pesquisa.

Assim, nós decidimos contar essa história para mostrar que as bibliotecas podem sim ser locais onde as crianças se sintam felizes e tenham vontade de voltar, e possam folhear os livros e as revistas sem ninguém lhes dizer que não podem mexer ou que vão rasgar, etc. Além disso, ao descrever os comportamentos e sentimentos das crianças que frequentam a biblioteca comunitária Nova Chocolate estaremos de certa forma narrando uma pequena parte da história dessas crianças.

Através do objetivo geral de compreender de que forma a apropriação do espaço, por crianças de uma biblioteca comunitária, possibilita evidenciar sentimentos, vivências, inquietações e questionamentos sobre os usos dos espaços da biblioteca comunitária Nova Chocolate.

No desenvolvimento do enredo dessa história iremos considerar os seguintes objetivos específicos:

- a) Descrever os ambientes e o arranjo espacial da biblioteca comunitária Nova Chocolate;
- b) Discutir a relação entre os conceitos de apropriação do espaço, sentimento de pertencimento e identidade de lugar como fatores que influenciam no desenvolvimento da identidade das crianças e no fortalecimento dos vínculos com a biblioteca comunitária;

- c) Analisar os comportamentos das crianças usuárias da biblioteca comunitária Nova Chocolate em relação ao uso dos espaços, manuseio dos materiais do acervo e relações interpessoais com funcionários e demais usuários;
- d) Identificar nos relatos dos Diários de Campo e nos Desenhos Infantis aspectos relacionados aos conceitos de apropriação do espaço, identidade de lugar e sentimento de pertencimento por parte dos usuários;
- e) Analisar o significado da biblioteca e seus espaços para as crianças.

Os objetivos acima listados são pertinentes para o desenvolvimento deste estudo e irão nos auxiliar a assumir a forma de uma contação de história nesta monografia.

Porém, para que o desenvolvimento do enredo desta história transcorra sem problemas, necessitamos ter um roteiro bem elaborado, detalhando todas as cenas e situações da história a ser contada. Para tanto nós utilizaremos a observação participante realizadas, em que foram registrados os relatos das situações vivenciadas durante estas interações, e, além disso, os desenhos infantis que foram confeccionados pelas crianças, a nosso pedido, para responder à pergunta “**Como você se sente na biblioteca?**” (grifo nosso).

Como pano de fundo desta história temos a dimensão teórica com os conceitos de apropriação do espaço, identidade de lugar e sentimento de pertencimento. Tais conceitos são originários da Psicologia Ambiental, servindo para embasar as interpretações acerca das situações vivenciadas no período da observação participante. Para tanto utilizamos textos dos seguintes autores na área de Psicologia Ambiental: Enric Pol (1996, 2006, 2007), Bonnie M. Hagerty (1992), W.H. Ittelson (1974, 2005), Graciela Baldi López (2006), Eleonora García Quiroga (2006), Rosane G.C. de Melo (1991), Harold M. Proshansky (1978), Bader B. Sawaia (1995), Sergi Valera (1996), Yi-Fu Tuan (1977), Víctor Corral-Verdugo (2007), Jean Morval (2007), Hartmut Günther (2014), José Q. Pinheiro (2007), Raquel Souza Lobo Guzzo (2014), Teresinha Maria Gonçalves (2007, 2009), Sylvia Cavalcante (2011), Esther Wiesenfeld (2005) e Zulmira Áurea Cruz Bomfim (2009). A respeito de bibliotecas comunitárias consultamos os seguintes autores: Oswaldo Francisco de Almeida Júnior (1997, 2003), Carminda Nogueira de Castro Ferreira (1978), Gustavo Grandini Bastos (2011), Lucília Maria Sousa Romão (2011), Marisa S. de Jesus (2011), Elisa Campos Machado (2009, 2010), Luís Milanese (2002) e Elise Benetti Marques Válio (1990).

Além disso, para a compreensão dos aspectos referentes aos desenhos infantis foram utilizados textos de G. H. Luquet (1969) e Jean Piaget (1971, 1973) na área da psicologia do desenvolvimento infantil e Analice Dutra Pillar (1996), na área de artes visuais.

Justificamos o presente estudo pela sua abordagem inovadora ao observar os comportamentos/sentimentos das crianças usuárias da biblioteca comunitária Nova Chocolatão sob a perspectiva dos conceitos de apropriação do espaço, identidade de lugar e sentimento de pertencimento, da área de Psicologia Ambiental; em contraposição aos temas tradicionais em geral propostos nos trabalhos de conclusão de cursos de biblioteconomia, que na maioria se atêm aos conteúdos da área de Ciência da Informação.

Neste trabalho aplicamos uma metodologia qualitativa condizente com o caráter essencialmente subjetivo deste estudo e, além disto, contamos com o auxílio da Psicologia, estabelecendo desta forma um entrelaçamento entre estas duas áreas de estudos. Além disto, com este estudo colocamos a perspectiva futura de um trabalho conjunto entre essas áreas no planejamento e execução de bibliotecas, sejam elas comunitárias ou não, buscando a criação de ambientes convidativos e acolhedores para os usuários.

No decorrer do presente estudo as situações observadas e relatadas no Diário de Campo serviram de base para atestar a importância da preocupação com a ambientação e o arranjo espacial da biblioteca, como forma de atrair e manter o interesse das crianças e jovens.

Para facilitar a contação desta história fizemos a divisão em sete capítulos, conforme segue: o capítulo 1 é este, no qual estamos detalhando a estrutura do trabalho; e, no capítulo 2 descrevemos as origens da Psicologia ambiental e os conceitos de apropriação do espaço, identidade de lugar e sentimento de pertencimento, que compõem o referencial teórico deste estudo. No capítulo 3 elencamos as características das bibliotecas comunitárias além de apresentarmos um breve relato sobre as origens da Vila Nova Chocolatão e da biblioteca Nova Chocolatão, juntamente com uma descrição pormenorizada das instalações e do arranjo espacial da biblioteca. Apresentamos o roteiro da história (Metodologia) no capítulo 4 e suas subseções, onde especificamos as etapas desta pesquisa, que envolveu algumas tardes na biblioteca realizando observação participante; além de outras tardes, nesta mesma biblioteca, em que as crianças elaboraram os desenhos

infantis que constituem parte do presente estudo. Elencamos os significados/conteúdos que os textos e os desenhos revelaram no capítulo 5, e, no capítulo 6 comentamos os resultados apurados, correlacionando com os conceitos já citados de Psicologia Ambiental. Para encerrar, no capítulo 7 apresentamos nossas considerações finais sobre o conjunto da pesquisa.

Na continuação apresentamos um relato das origens da Psicologia Ambiental e introduzimos alguns de seus conceitos.

2 PSICOLOGIA AMBIENTAL: breve histórico de suas origens e introdução de alguns conceitos

Para a construção de uma boa história além de um bom enredo e bons personagens também é necessário que haja uma conjuntura/situação, ou seja o fio condutor da história, que irá influir/conduzir nos rumos da mesma. Na nossa história essa conjuntura é composta pelo referencial teórico da Psicologia Ambiental e os conceitos de apropriação do espaço, identidade de lugar e sentimento de pertencimento.

No entanto, para que o leitor consiga acompanhar essa história, iremos apresentar um breve resumo sobre o surgimento da Psicologia Ambiental tendo por base textos de Enric Pol (2006, 2007) ² onde esse autor faz um resumo bem elaborado das origens dessa disciplina. Pol (2006) estabelece quatro estágios para a história do surgimento da Psicologia Ambiental:

- a) Primeiro estágio: O primeiro nascimento da Psicologia Ambiental (início séc. XX até década de 1930);
- b) Segundo estágio: A transição americana (crise de 1929 até início da década de 1960);
- c) Terceiro estágio: O segundo nascimento da Psicologia Ambiental ou fase da Psicologia da Arquitetura (início da década de 1960 até final dos anos 80);
- d) Quarto estágio: A Psicologia Ambiental para a sustentabilidade (década de 1990 em diante).

O primeiro estágio ou primeiro nascimento da Psicologia Ambiental, segundo Pol (2006), teria sido no início do século XX, quando houve a migração de um número significativo de psicólogos alemães para os Estados Unidos, e se estenderia até a década de 1930.

² POL, Enric. Blueprints for a History of Environmental Psychology (I): From first birth to American Transition. *Medio Ambiente y Comportamiento Humano*. Barcelona, 2006, v. 7, n. 2, p. 95-113.
POL, Enric. Blueprints for a History of Environmental Psychology (II): From Architectural Psychology to the challenge of sustainability. . *Medio Ambiente y Comportamiento Humano*. Barcelona, 2007, v. 8, n. 1 e 2, p. 1-28.

O segundo estágio, conhecido como Transição Americana, inicia com a crise de 1929 nos Estados Unidos e se estende até o início da década de 1960. Foi durante este estágio que os fundamentos de uma parte considerável dos desenvolvimentos teóricos foram lançados, tais como: teorias ecológicas da percepção, mapas cognitivos, *behaviour setting*, comportamento territorial e superpopulação, valor simbólico do espaço, etc. e surgiram as primeiras publicações sobre comportamento ecologicamente responsável, colocando ênfase no comportamento.

Já o terceiro estágio ou segundo nascimento da Psicologia Ambiental, inicia no final dos anos 1950 e termina no final dos anos 80. No início da década de 1960, decorridos 15 anos do fim da segunda guerra mundial, nos países europeus havia sinais de reconstrução social e ocorriam movimentos populares reivindicando direitos sociais e melhorias nas condições de habitabilidade/moradia das populações. Como consequência dessas manifestações sociais, houve um movimento profissional e científico dentro da Psicologia, que culminou no surgimento de uma nova área, que inicialmente foi chamada de Psicologia da Arquitetura.

Esta nova área tinha como objeto de estudo o relacionamento bidirecional entre o homem e o ambiente, ou seja, os arquitetos e planejadores urbanos perceberam que o ambiente construído deveria refletir não somente os princípios de construção e estética, mas também considerar fatores como as necessidades psicológicas e comportamentais dos futuros moradores. Já os psicólogos buscavam o entendimento do contexto ambiental no qual se desenvolvia o comportamento humano, bem como as razões que levavam os indivíduos a se comportarem de determinadas maneiras em certos lugares. (MELO, 1991).

De forma que a Psicologia Ambiental foi formada a partir de duas raízes teóricas:

- a) A externa: que era formada por disciplinas distantes da Psicologia, como Arquitetura, Planejamento ambiental, Geografia, etc. e uma crescente preocupação das ciências naturais pelos problemas ambientais e o papel desempenhado pelo ser humano nesse contexto;
- b) A interna: que surgiu do interesse de compreender melhor o inter-relacionamento entre processos psicológicos e aspectos do ambiente envolvendo a Psicologia da Percepção (Gestalt) e a Psicologia Social.

Sendo que a perspectiva da arquitetura acabou prevalecendo devido aos esforços pós-guerra para reconstrução das cidades europeias e também porque as questões ambientais ainda eram incipientes. Entretanto, no início da década de 1970 uma nova crise abala a Psicologia com cientistas e teóricos questionando a prática psicológica centrada nas pesquisas laboratoriais e buscando sua inserção no contexto social e natural, como resposta às necessidades psicossociais do indivíduo como ser social.

Conforme Pol (2007) essa crise irá acabar nos anos finais da década de 1980, iniciando o quarto estágio da história da Psicologia Ambiental, com o que ele chama de giro duplo, social e ambiental, da disciplina (entre 1988 e 1992), O giro social se verificará através de diversas colaborações de autores importantes como Moscovici e Jodelet, Fischer; o *Handbook* de 1987 editado por Stokols e Altman e uma conferência realizada em Lisboa em 1986 (*Social and Environmental Psychology in the European Context*) onde surgiram reivindicações de uma maior compreensão do comportamento socioambiental e também uma maior sensibilidade social para responder aos problemas ambientais.

E o giro ambiental se verificará através das demandas orientadas ao que posteriormente chamaremos de sustentabilidade, recuperando o comportamento ecológico iniciado alguns anos antes, mas com mais força, dando início à transição da Psicologia da Arquitetura para a Psicologia Ambiental da Sustentabilidade. E, ainda conforme Pol (2007), durante as décadas de 1980 e 1990 a Psicologia Ambiental começou a se espalhar por outros continentes, alcançando países como Austrália, Japão, África do Sul, Venezuela, México, Brasil, entre outros.

Conforme pesquisa efetuada por Pinheiro e Corral-Verdugo (2007) os cinco assuntos mais investigados em Psicologia Ambiental na América Latina, no período de 1996-2006, foram: questões teóricas, crenças e atitudes ambientais, atitudes para economia de água, comportamento pró-ambiental e sustentável, e controle dos resíduos sólidos (reuso, reciclagem). Ainda segundo Pinheiro e Corral-Verdugo (2007), de meados da década de 1990 até a primeira década do século XXI a situação da Psicologia Ambiental foi mudando favoravelmente na América Latina, com o crescimento significativo na produção de artigos abordando problemas socioambientais característicos dessa região e, também, com o interesse crescente de estudantes em cursos que abordavam essa temática.

A Psicologia Ambiental, de acordo com Wiesenfeld (2005, p. 54): “[...] tem sido definida como a disciplina que estuda as transações entre as pessoas e seus entornos, com vistas a promover uma relação harmônica entre ambos, que redunde no bem-estar humano e na sustentabilidade ambiental”. E, conforme Günther, Pinheiro e Guzzo (2014, p.1):

A Psicologia Ambiental estuda o homem em seu contexto físico e social. Busca suas inter-relações com o ambiente, atribuindo importância às percepções, atitudes, avaliações ou representações ambientais, ao mesmo tempo em que considera os comportamentos associados a elas. A Psicologia Ambiental se interessa pelos efeitos das condições do ambiente sobre os comportamentos individuais tanto quanto como o indivíduo percebe e atua em seu entorno. Os efeitos destes fatores, físicos e sociais, estão associados à percepção que se tem deles, e, neste sentido, estudam-se as interações. (GÜNTHER; PINHEIRO; GUZZO, 2014, p.1).

Os autores acima citados evidenciam que a Psicologia Ambiental é uma disciplina com dois campos de estudo bastante amplos e distintos: o homem (psicologia) e o ambiente (entorno físico). Ora, se por um lado a psicologia ambiental estuda os aspectos psicológicos e comportamentais do indivíduo; por outro lado se ocupa do ambiente em que esse indivíduo vive e interage, observando a forma como o indivíduo afeta/interfere no ambiente e, também, de que forma ele é afetado por esse ambiente. De forma que no indivíduo ocorrem processos cognitivos que influenciam na sua percepção do ambiente/entorno fornecendo informações que muitas vezes chegam na forma de emoções/sensações, e que poderão ser apropriadas, ou não, por esse indivíduo, na construção de uma imagem mental a respeito desse ambiente.

Com relação aos processos cognitivos, vemos que pertencem ao campo de estudos da Psicologia Cognitiva, e, neste aspecto, a Ciência da Informação se aproxima da Psicologia ao buscar auxílio para entender como tais processos influem na assimilação e/ou recuperação da informação. E no que concerne à Psicologia Ambiental vemos que o relacionamento bidirecional homem-ambiente agrega muitas informações a serem estudadas e analisadas de forma a compreender as relações de causa-efeito, seja no homem ou no ambiente.

Nesse sentido entendemos a pertinência de propormos tal análise visto que estudando os aspectos dessa inter-relação homem-ambiente podemos usar esta

informação para compreender os efeitos positivos e/ou negativos desse relacionamento bidirecional, assim como os processos afetivos e cognitivos humanos envolvidos nestas interações. Segundo Lima; Bomfim (2009, p. 492):

[...] a psicologia ambiental volta-se para a forma que as pessoas sentem, pensam e vivenciam o espaço em que estão implicadas. Pautando-se não somente na compreensão dos problemas ambientais, mas sobretudo, na questão da sustentabilidade da vida enquanto responsabilidade dos seres humanos e na preocupação com a humanidade. (LIMA; BOMFIM, 2009, P. 492).

Considerando que estamos falando reiteradamente do ambiente, convém esclarecermos o significado subjacente ao mesmo, ou seja, conforme consulta ao Dicionário Houaiss (2009, p. 183) temos que ambiente é “tudo o que rodeia ou envolve por todos os lados os seres vivos ou coisas e constitui o meio em que se vive; o conjunto de condições materiais, culturais, psicológicas e morais que envolve uma ou mais pessoas”. Significa que o ambiente é constituído por tudo que está ao nosso redor, inclusive nós mesmos; e como tal, qualquer alteração em uma das partes que o constituem irá acarretar mudanças nos demais, conferindo a este ambiente uma nova configuração. De modo que pessoa e ambiente se inter-relacionam e se influenciam reciprocamente de modo contínuo.

Porém, esta relação de reciprocidade muitas vezes passa despercebida, porque as percepções que temos do ambiente ao nosso redor não são muito claras e, devido a essas subjetividades, muitas vezes os sentimentos de desconforto ou desprazer não são associados com algum aspecto do ambiente em que estamos inseridos.

No que tange as bibliotecas comunitárias existe o empenho por parte dos gestores na criação de ambientes alegres, descontraídos e convidativos de forma a proporcionar a seus usuários a sensação de segurança, acolhimento e bem-estar, fazendo com que as crianças sintam o desejo de retornar ao local. Além disso, cada indivíduo, munido de sua realidade pessoal, percebe e vivencia o mundo à sua volta de uma maneira individual e única, e são estas percepções que guiam suas ações e determinam o grau de satisfação, ou não, que ele vai obter nas suas interações com o ambiente. (ITTELSON et al., 2005).

Para Ittelson et al. (2005, p.3) os efeitos das ações do homem sobre o ambiente terão como consequência o despertar da sua consciência ambiental, já que “O efeito

psicológico sobre o ser humano do ambiente que ele próprio criou pode se mostrar a solução para o problema da 'ecologia' (grifo do autor), pois no longo prazo da história o produto se torna o mestre." Ou seja, o homem se tornará refém das ações irrefletidas contra o ambiente, sofrendo as consequências das reviravoltas intempestivas do clima, tais como inundações, secas prolongadas, poluição atmosférica, etc.

O campo de estudos da Psicologia Ambiental tem por objetivo entender os efeitos e as consequências que as alterações ambientais podem ter sobre o homem, de forma a conscientizar o indivíduo sobre a sua participação na degradação ambiental e incentivar comportamentos mais comprometidos com a preservação do ambiente natural. Para Pol, Valera e Vidal (1998, p. 318, tradução nossa):

[...] ao mesmo tempo que se explica a relação específica do ser humano com aspectos concretos do ambiente em que se desenvolve a vida, se utilizam os conhecimentos da Psicologia para melhorar esta relação das pessoas e das comunidades com seu habitat, seja rural ou urbano; com o entorno construído, seja a própria residência ou os espaços institucionais; com os recursos naturais, seu uso e abuso; com os entornos produtivos e a gestão, desde a empresa ou administração pública. (POL; VALERA e VIDAL, 1998, p. 318, tradução nossa).

No que se refere à biblioteca comunitária, por se tratar de uma instituição voltada ao atendimento dos interesses da comunidade, a mesma está inserida no campo de atuação da Psicologia Social Comunitária, visto que essa disciplina se ocupa das questões relativas aos problemas cotidianos das comunidades. Além disso, a Psicologia Social Comunitária busca criar condições para o desenvolvimento do bem-estar sócio comunitário, que, segundo Sarriera (2015, p. 63) “[...] é um bem pelo qual há necessidade de encorajar esforços para que, apesar das condições socioeconômicas que vive a América Latina, se possa usufruir, com base nos saberes históricos e nos recursos humanos, o ‘bom viver’ (grifo do autor) das comunidades”.

Ainda em relação à comunidade há estudos que indicam que sentir-se pertencente a uma comunidade proporciona o sentimento de proteção e segurança, maior colaboração entre as pessoas e diminuição dos índices de suicídios e criminalidade. (ELVAS; MONIZ, 2010). E, complementando, essas autoras (Elvas; Moniz, 2010, p. 451) dizem que “Estudo com crianças e adolescentes portugueses identificou [...] o aumento no sentimento de pertença e de identificação com a comunidade correlacionou-se ao aumento no nível de satisfação de vida”.

No entanto, conforme López e Quiroga (2006) as percepções que o indivíduo tem sobre o ambiente influem nas decisões sobre onde morar e de que forma quer viver, embasando suas opiniões e atitudes a respeito da proteção do ambiente natural e conservação dos recursos. De modo que há uma interação constante entre o indivíduo e o ambiente, um atuando sobre o outro, entrelaçados intimamente; sendo que o indivíduo efetua modificações no ambiente e ao mesmo tempo sofre as consequências dessas modificações.

Por se tratar de um campo de estudos muito amplo e abrangente a Psicologia Ambiental buscou auxílio em outras áreas do conhecimento, como arquitetura, design, geografia, ecologia, etc. Devido a esse caráter multidisciplinar, as pesquisas nesta área são em geral de caráter multi-metodológico, com predominância dos métodos qualitativos, como a observação participante, em que o pesquisador observa e relata suas impressões sobre o fato observado; e a pesquisa-ação, na qual o pesquisador procura contribuir ao mesmo tempo para a teoria e prática de sua área; além de outros métodos de pesquisa.

Já em relação às bibliotecas comunitárias a Psicologia Ambiental pode trazer várias contribuições, como por exemplo no que tange ao arranjo espacial, organizando os espaços de forma a proporcionar a seus usuários ambientes receptivos e acolhedores, pois conforme Campos-de-Carvalho (2011, p. 70): “refere-se à maneira como os móveis e equipamentos existentes em um local estão distribuídos e posicionados entre si. [...] é um conceito que engloba várias outras dimensões, tais como segurança, conforto, identidade pessoal, motivação, autonomia, privacidade, contatos sociais, etc.” A organização do espaço é em geral decidida pelas pessoas responsáveis pela administração/gestão dos locais, que de forma indireta comunicam aos usuários mensagens a respeito do uso dos espaços, tais como posicionar certos móveis de forma a facilitar ou bloquear acesso a determinados locais, ou ainda, colocando cartazes/avisos sobre serviços disponibilizados ou não, etc.

Além disso, as reações das pessoas às características de certos ambientes podem ser estudadas de forma a auxiliar na minimização de alguns desconfortos; como exemplo citamos Morval (2007, p. 94): “Uma gama de cores pode atrair uma pessoa, e uma harmonia de formas pode comunicar uma impressão de plenitude, de posse ou então, pelo contrário, um mal-estar resultante de comparações desagradáveis e suscitando um sentimento de exclusão”. Conforme já citado anteriormente, na biblioteca comunitária Nova Chocolate encontramos um ambiente

colorido, alegre e descontraído que proporciona a sensação de bem-estar e acolhimento nos seus usuários, reforçando o que foi exposto acima por Morval.

Voltando às bibliotecas comunitárias, vemos que a Psicologia Ambiental pode fazer uso da compreensão do relacionamento homem-ambiente, na busca de soluções para adequar os ambientes construídos a seus usuários/frequentes, como por exemplo em bibliotecas, escolas, hospitais, etc. Cabe ainda destacar que tais aspectos têm grande influência sobre o comportamento humano, conforme López e Quiroga (2006, p. 160, tradução nossa):

A partir de um enfoque holístico, a Psicologia Ambiental contempla ao ambiente e à conduta humana como partes inter-relacionadas de um todo indivisível, proporcionando conhecimentos fundamentais para aqueles que participam no planejamento, desenho, construção ou administração dos ambientes físicos. As atividades da vida diária do indivíduo se entrelaçam também com os ambientes físicos em que vive e trabalha [. . .] e o modo que ele percebe o ambiente determina também as atitudes e a conduta ambiental que é fundamental para enfrentar os assuntos cotidianos. (LÓPEZ e QUIROGA, 2006, p. 160, tradução nossa).

Conforme visto acima, a Psicologia Ambiental também pode ser um importante auxiliar no planejamento e construção de ambientes físicos, procurando adequar suas instalações aos usos e às necessidades dos usuários. E, continuando nossa história, no item subsequente abordaremos o conceito de apropriação do espaço, relacionado ao comportamento de familiaridade e intimidade adotado pelas crianças no espaço da biblioteca, categoria analítica central do presente estudo.

2.1 O PALCO DAS CRIANÇAS É O ESPAÇO DA BIBLIOTECA

Criança é sinônimo de alegria, agitação, movimento e, para elas correr, pular, brincar são atividades corriqueiras, que fazem parte do seu modo de ser. Elas precisam de espaço para se movimentar e para as suas brincadeiras e jogos. Significa que ter espaço para brincar é condição essencial para o desenvolvimento de suas habilidades motoras e sua criatividade. De forma que é preciso definir qual é a noção que o indivíduo tem a respeito de espaço. Segundo Gonçalves (2009, p. 120):

O espaço não é, portanto, apenas uma localização físico-geográfica, é também sociocultural e simbólico. O conceito de espaço, [. . .] é um

movimento da vida que a cada pousada ou cada parada, cria lugares. Como se fosse o vento, ele se expande, ultrapassa fronteiras físicas, políticas e culturais. É recriado dentro de nós, que o imaginamos, simbolizamos, introjetamos e o projetamos ao mesmo tempo. (GONÇALVES, 2009, p.120).

Ou seja, o espaço é ocupado pelas pessoas, que o percebem, usam, exploram e interagem com ele nas situações do cotidiano, não se restringindo a uma localização físico-geográfica; visto que além de um mero endereço também apresenta um caráter subjetivo e simbólico que é constituído pelas vivências pessoais e revestido das emoções e sentimentos associadas a esse espaço.

Neste sentido, conforme Tuan (1977, p. 6, tradução nossa) “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. O lugar é o lar, a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria. Enquanto o lugar é a segurança, o espaço é a liberdade”. Em outras palavras, o espaço se transforma em lugar quando associamos a ele nossos sentimentos/emoções e esse lugar se reveste de um caráter afetivo, repleto de lembranças e memórias, transmitindo a sensação de segurança e bem-estar ao indivíduo.

Cada local possui um ambiente que o caracteriza, constituído de fatores visíveis e invisíveis que definem sua identidade, influenciando o comportamento das pessoas que vivem no local ou circulam por ele; e nessas interações criam vínculos e laços afetivos com os mesmos, de tal forma que inconscientemente procuram deixar sua marca de posse. Embora seja uma posse subjetiva/psicológica do espaço/território (não é posse jurídica/legal), está associada ao apego do sujeito ao ambiente e sua liberdade para modificar o mesmo, imprimindo nele a sua marca pessoal, como por exemplo colocando uma placa com seu nome, fotos de familiares, vasos de flores, etc. de forma a sinalizar para as demais pessoas que aquele lugar lhe pertence.

Segundo Pol (1996, p. 47):

Os processos psicossociais da apropriação compreendem os processos cognitivos, afetivos, simbólicos e estéticos que dependem da relação com outros sujeitos, grupos e de situações objetivas ligadas ao modo de viver, de morar. A partir das cores, das formas, dos odores, das sensações de prazer, o sujeito vai modificando as paisagens concretas do lugar, deixando sua marca, e, ao mesmo

tempo, vai transformando sua paisagem interna, ou seja, as paisagens do seu mundo interno. (POL, 1996, p. 47)

Neste sentido, a apropriação do espaço pode ser traduzida como um sentimento de apego e defesa do indivíduo com o seu lugar; é um sentimento de pertencimento que possibilita a transformação de espaços em lugares. Ou seja, cada um de nós é e inclui, de maneira determinante, os lugares que temos sido e os lugares que somos (PROSHANSKY, 1978).

Segundo Pol (1996, p.45, tradução nossa)

[...] a apropriação abrange dois componentes que se inter-relacionam continuamente entre si, a ação-transformação (possibilidade de personalizar os ambientes) e o simbólico (identificar-se com o local). Na ação-transformação ocorre a adoção de um espaço alheio pelo indivíduo, que considera como se fosse de sua propriedade, sendo interiorizado, valorizado e adquirindo significado afetivo e importância. E a Identificação compreende processos simbólicos, cognitivos, afetivos e interativos que transformam o espaço (extensão) em lugar reconhecível e pleno de significado para o sujeito ou grupo social. (POL, 1996, p. 45, tradução nossa)

Porém, esses dois processos podem não ocorrer de forma conjunta, assim como pode acontecer um e o outro não. Além disso, a apropriação do espaço privado se diferencia da que ocorre no espaço público, visto que que na apropriação do espaço privado geralmente ocorre primeiro a ação-transformação, seguida pela identificação numa segunda fase. Já na apropriação do espaço público o processo se dá pela identificação simbólica, visto que por ser público as possibilidades de ação-transformação são praticamente nulas. (POL, 1996).

Outro aspecto a ser citado é o papel que a apropriação do espaço exerce no processo de formação da identidade de lugar, envolvendo a função do próprio indivíduo no espaço, e se reafirmando através da valoração pessoal que os demais indivíduos fazem a seu respeito. Conforme Gonçalves (2007, p. 159) “A apropriação é um processo interno que se dá por meio da identificação, da introjeção e da recriação do espaço e dos lugares. Os lugares apropriados trazem ao sujeito um sentimento de intimidade e privacidade onde o *place attachment* (apego ao lugar – tradução nossa) se efetiva”.

Além disso, atuam sobre o indivíduo as impressões que o ambiente transmite através das suas configurações (decoração, arranjo dos móveis, relações de poder

entre os indivíduos, acesso aos ambientes, uso das cores, etc.) e características ambientais (calor, frio, umidade, etc.), provocando reações de agrado ou desagradado no indivíduo.

No entanto, o modo de vida nas grandes cidades não favorece o processo de apropriação, devido ao comportamento individualista estimulado pelas mídias sociais, conduzindo ao distanciamento do outro e do espaço e à sensação de falta de familiaridade com a cidade. Segundo Sawaia (1995, p. 24) “ a cidade é o cenário onde os indivíduos vivem suas experiências cotidianas, além do lugar de movimento e de recreação permanente da existência coletiva”. E, ainda segundo este autor (1995, p. 21):

A cidade, a rua, o prédio, a porta, representam modelos de subjetividade enquanto portadores de história, desejos, carência e conflitos. Cada cidade, bairro, rua, até mesmo cada casa tem um clima que não advém, exclusivamente, do planejamento urbano e da geografia, mas do encontro de identidades em processos – identidades de homens e de espaços. Este clima perpassa diferentes entidades: eu, corpo, espaço doméstico, etnia, arquitetura. Dessa forma, os espaços construídos formam discursos e manipulam impulsos cognitivos e afetivos próprios. (SAWAIA, 1995, p.21).

Para Pol (1996) a cidade pode ser percorrida, cruzada e sentida, mas nos vem dada e não temos poder para transformá-la. Ou seja, nas cidades a apropriação ocorre se e/ou quando nos identificamos com ela, visto que não temos a opção de deixar a nossa marca nem podemos modificá-la. Segundo Gonçalves (2007, p. 125) “A vida fora do âmbito da casa é um elemento importante para o desenvolvimento da sociabilidade, da afetividade. A troca de ideias, o participar com outros na vida da comunidade dão ao sujeito a possibilidade da recreação simbólica do espaço”.

No entanto, vemos que os espaços físicos da cidade compreendem ambientes carregados de significados que estão vinculados às nossas experiências/memórias afetivas, ou seja, representações mentais que temos de nossa cidade baseada na estima/afetividade que esses locais nos despertam/transmitem. Citando Bomfim (2010, p. 51) “Não só interagimos na cidade, mas formamos uma totalidade com ela, em que eu e mundo, espaço construído e subjetividade formam uma unidade pulsante”.

Além disso, possuímos a capacidade de nos adaptarmos às condições dos ambientes físicos, mesmo em condições adversas como em desertos ou locais de temperaturas negativas extremas, através de soluções engenhosas e criativas desenvolvidas pelo homem para sobreviver nestes locais. Contudo, para que ocorra a apropriação do espaço precisamos sentir que somos bem recebidos e acolhidos no ambiente, gerando atitudes positivas como o cuidado e o respeito com o local. Um espaço apropriado (lugar) ajuda a manter a identidade pessoal, a história e os referentes espaciais e simbólicos vinculados à capacidade de autonomia da pessoa (POL, 1998).

Entretanto, se nos sentirmos discriminados ou intimidados pelo ambiente e/ou pessoas, dificilmente ocorrerá a apropriação do espaço, e isto poderá gerar atitudes de desrespeito ou agressão, tais como: confrontação verbal/física, depredação do local, invasões, arrombamentos, etc. Citamos Morval (2007, p. 96) numa pesquisa escolar onde os resultados apontaram que “[...] quanto mais estimulado for pelo ambiente, mais o estudante se apropria do espaço e procura aumentar a sua competência ambiental a nível da utilização dos locais onde estuda”, e o mesmo autor complementa dizendo que “[...] nenhuma apropriação do espaço é possível sem a livre circulação num edifício”. Ou seja, é necessário que haja mobilidade, livre circulação, que o ambiente possa ser usufruído, percorrido e vivenciado, para que ocorra a apropriação do espaço.

De forma que a mobilidade e a livre circulação possibilitam a apropriação do espaço, entretanto, associado a isto, temos o fato de que essas crianças possuem um vínculo afetivo forte com a educadora; e é através desse vínculo que as crianças ficam mais predispostas a participarem das atividades propostas pela educadora, ocorrendo então a apropriação da informação no ambiente da biblioteca, seja através da mediação de histórias ou das aulas de capoeira.

Na sequência iremos apresentar os conceitos de Identidade de lugar e Sentimento de pertencimento.

2.2 UM LUGAR PARA BRINCAR, APRENDER E SE SENTIR EM CASA

Na sua concepção inicial as bibliotecas tradicionais não foram projetadas para serem locais de jogos e brincadeiras, mas sim locais de introspecção, silêncio e leitura

(MANGUEL, 2010). Além do mais, crianças não eram bem-vindas nas bibliotecas porque em geral são inquietas, agitadas e barulhentas.

No entanto, para se desenvolver plenamente e de forma sadia as crianças necessitam de espaços onde possam brincar, se exercitar e se movimentar livremente. Em geral nas escolas e creches há pátios e locais abertos onde elas podem praticar atividades esportivas ou simplesmente correr e pular livremente.

O desenvolvimento intelectual da criança está vinculado às interações sociais com o ambiente e com as pessoas; e é através destas interações que vai se formando a identidade pessoal; processo contínuo, dinâmico e variável envolvendo também a identificação/vinculação com o ambiente em que o indivíduo está inserido. Segundo Mourão e Cavalcante (2011, p. 208):

O lugar no qual o indivíduo nasceu, o lugar onde vive ou os lugares onde viveu e que se tornaram importantes para ele constituem referências para a construção identitária realizada ao longo da vida do sujeito, na busca por sua individualização. (MOURÃO; CAVALCANTE, 2011, p. 208)

É através da identificação com o lugar que realizamos a apropriação dos espaços do nosso cotidiano que nos despertam sensações, sentimentos, valores vivenciados, formando nossa memória afetiva e fornecendo segurança e conforto. Além disso, tanto os sentimentos de pertença (valoração positiva) quanto os sentimentos de estranheza (valoração negativa) são importantes para o desenvolvimento da identidade pessoal.

Neste aspecto o entorno exerce papel vital e importante no estabelecimento de vínculos com o indivíduo, visto que os cenários físicos onde se desenrola nosso cotidiano podem despertar sensações de repulsa ou agrado, formando a memória afetiva do (s) local (is) e favorecendo (ou não) a inclusão social. Este processo de vinculação afetiva aos ambientes é chamado de Identidade de lugar, exercendo o importante papel de fixar o indivíduo nos lugares, criar raízes e laços afetivos e gerar o sentimento de pertencimento e conexão com determinado local ou grupo social.

A identidade de lugar, citando Proshansky (1978), é uma componente do próprio eu do indivíduo constituída de um amplo espectro de ideias (conscientes e inconscientes), sentimentos, valores, objetivos, preferências, habilidades e condutas vinculadas a um determinado entorno (ambiente). De forma que segundo Bomfim

(2010) a função principal da identidade de lugar é a criação de um cenário interno, um lugar que sirva de refúgio e proteção para a sua auto identidade e, é neste mesmo cenário que se processarão as eventuais modificações advindas das transformações no entorno do sujeito.

Para Mourão e Cavalcante (2011, p. 211): “No centro desta estrutura psicológica está o sentimento de pertencimento a um lugar, que não é somente um aspecto da identidade de lugar, mas a base necessária para a sua existência”. E Adler (1927) já identificava o sentimento de pertencimento como a motivação fundamental dos seres humanos pois, segundo ele, a habilidade de conectar-se com outros e vivenciar o sentimento de pertencimento é um fator crucial para a satisfação pessoal e a saúde mental do indivíduo.

Para Hagerty et al. (1992, p. 173, tradução nossa) o sentimento de pertencimento é:

[...] a experiência de envolvimento pessoal em um sistema ou ambiente, de forma que as pessoas se sintam como parte integrante daquele sistema ou ambiente. Possui os seguintes atributos: a) a experiência de ser valorizado, necessário ou importante em relação à outras pessoas, grupos ou ambientes; b) a experiência de sentir-se adaptado ou em sintonia com outras pessoas, grupos ou ambientes através de características complementares ou compartilhadas. (HAGERTY et al., 1992, p. 173, tradução nossa)

Contudo, pesquisas indicam que sentir-se conectado aos outros e ter um sentimento de apoio social poderá amenizar os impactos do estresse e promover o desenvolvimento saudável (ISHAK e CHEW, 2012); enquanto que entre os estudantes o sentimento de pertencimento causa impacto diretamente na realização, motivação e sucesso nos estudos escolares. (HILL e WERNER, 2006). Pelos conceitos acima expostos, percebemos claramente a importância que o sentimento de pertencimento exerce sobre o sujeito, influenciando no desenvolvimento de sua autoestima, na interação social e na inserção do sujeito na comunidade.

Retornando à questão das bibliotecas, atualmente ainda há muitas bibliotecas que continuam a reproduzir os modelos convencionais de gestão, ou seja, direcionando os serviços/produtos para os públicos dos estudantes, professores e pesquisadores, e mantendo uma política rígida e austera. Neste contexto, os arranjos dos espaços nessas bibliotecas não contribuem para o processo de apropriação por parte dos seus usuários, pois são em geral estáticos, inflexíveis, impessoais, com paredes frias e sem objetos decorativos, austeros e com móveis pesados, sem

quaisquer elementos atrativos; além disso possuem regras e horários pouco flexíveis, de modo que passam a sensação de rigidez, distanciamento e alienação.

Para Ittelson et al. (1974, p.13):

[...] o ambiente frequentemente opera abaixo do nível de consciência.
[...] o ambiente é experienciado como um campo unitário. Apesar de haver uma relação transacional entre a pessoa e o ambiente e de haver no ambiente mais do que se pode perceber, a experiência é holística por natureza, vivida pelas pessoas com um todo. (ITTELSON et al., 1974, p.12).

Ou seja, as pessoas percebem o ambiente quando alguma mudança é feita e elas precisam se adaptar a isto, pois existem elementos atuando nas nossas percepções do ambiente, como por exemplo, disposição dos móveis, luminosidade, cheiros, ruídos, decoração, relacionamento interpessoal da equipe de funcionários, atendimento aos usuários, etc. Nas bibliotecas comunitárias tais manifestações ocorrem também através das mediações de histórias e das atividades propostas pelos educadores às crianças. Tais dinâmicas permitem que as crianças comecem a conhecer a si e aos outros, desenvolvendo a noção de espaço, exercitando novas habilidades, fazendo descobertas sobre o mundo que as cerca e desenvolvendo a criatividade. Neste sentido, a decoração do espaço nas bibliotecas comunitárias seja na pintura das paredes com cores alegres e fortes, no uso de caixotes de frutas para colocação dos livros infantis, nas almofadas e pufes coloridos, nos enfeites e trabalhos das crianças enfeitando as paredes, etc., proporciona a sensação de descontração, acolhimento e aconchego.

De forma que as bibliotecas comunitárias significam a oportunidade que essas crianças têm de se apossarem do local, se sentirem livres para se expressar, se sentirem seguras e protegidas, desenvolverem apego aos educadores e, portanto, formarem sua identidade através do sentimento de pertencer aquele ambiente. Além disso, as bibliotecas comunitárias significam a oportunidade de acesso à informação e à cultura, visto que segundo Morigi; Vanz; Galdino (2003, p. 74-75): “Na atualidade a informação se constitui em um direito social se efetivando através do seu acesso: direito de ser informado. Na construção da cidadania a informação e a comunicação são processos indissociáveis e imprescindíveis um do outro.” Portanto, vemos que as bibliotecas comunitárias atuam como locais de divulgação de informação/cultura, ao

mesmo tempo que contribuem para a formação da identidade pessoal e social dessas crianças.

Na sequência fazemos um relato abordando as origens das bibliotecas no Brasil bem como apresentamos algumas características dessas bibliotecas.

3 BIBLIOTECA COMUNITÁRIA: e as divergências sobre ser uma biblioteca pública ou popular

Historicamente as bibliotecas sempre estiveram associadas às classes dominantes (reis, imperadores, faraós, etc.) autoridades eclesiásticas, intelectuais e eruditos; não eram locais acessíveis ao homem comum e iletrado, crianças, mulheres ou pessoas pobres. (MANGUEL, 2010). Além disso, essas bibliotecas tinham em comum o fato de serem locais austeros, rígidos, sóbrios, mal iluminados e regidos pelo silêncio absoluto; em geral em mosteiros beneditinos. O acesso à biblioteca era restrito, porque havia ali um saber estritamente pagão (especialmente os textos de Aristóteles), e que eram considerados uma ameaça à doutrina cristã. Somente pessoas autorizadas tinham acesso aos acervos de livros, como as autoridades das ordens monásticas, príncipes, reis, etc. (UMBERTO ECO, 2003).

Séculos se passaram e ainda hoje, no Brasil, muitas bibliotecas possuem essas características, perpetuando a desigualdade de acesso à informação entre as pessoas mais humildes, que continuam desassistidas pelas instituições públicas. Segundo Válio (1990, p. 15), a história das bibliotecas no Brasil:

[...] têm início com a abertura das bibliotecas monásticas, na Bahia (1598) e em outras capitais, onde as primeiras instituições religiosas instalaram-se. [. . .] A biblioteca desse período é marcada por uma realidade onde 80% da população nacional é constituída por analfabetos, em que a biblioteca é usada para catequizar e educar a população [. . .] (VÁLIO, 1990, p. 15).

E, conforme Silva (2004, p.4), com a vinda da Família real em 1808, “ [. . .] o país [. . .] necessitava de mudanças profundas [. . .] garantissem o status de um país ‘civilizado’ (grifo do autor), assim houve a criação de bibliotecas, abertura de livrarias, [. . .] publicação de jornais e a abertura da Real Biblioteca, posteriormente, Biblioteca Nacional do Brasil”.

As bibliotecas que foram surgindo no país reproduziram o regime austero dos tradicionais modelos europeus, valorizando e exigindo o silêncio na execução de qualquer atividade e sendo um espaço exclusivo acessível a poucas pessoas (BASTOS e ROMÃO, 2011). Esse modelo se manteve até o fim do império e continuou nos anos que se sucederam, até que no governo de Getúlio Vargas (Estado Novo - 1937) foi criado o Instituto Nacional do Livro (INL), e, segundo Silva (2004, p. 39), suas

atribuições eram: “[...] edições de textos literários, de interesse para a formação cultural da população, a elaboração de uma enciclopédia e dicionários nacionais, a criação de bibliotecas públicas [...]”. Entretanto, conforme Milanesi (2002) essas bibliotecas eram iniciativas do governo, sem consulta prévia à população, e localizadas em locais onde não havia estrutura, e o resultado foi que pouco tempo depois já estavam fechadas.

No período da ditadura militar (1964-1985), da censura oficial, da política do silêncio, as bibliotecas públicas foram gradualmente incorporando atividades de cunho educacional, assumindo o lugar que seria das bibliotecas escolares e, por sua vez, deixando de exercer a sua função primordial, ou seja, o atendimento ao público em geral, sem distinção de qualquer natureza. Conforme cita Almeida Júnior (2003, p.70): “Já destacamos que 80 a 90% dos usuários atendidos nas bibliotecas públicas são alunos. Eles ocupam a maior parte do tempo dos profissionais que atuam nessas bibliotecas [. . .]”. Devido a essa mudança de perfil por parte da biblioteca pública, começaram a surgir espontaneamente nas periferias das cidades, nos bairros mais afastados, bibliotecas criadas pelo esforço conjunto da comunidade com o propósito de buscar o acesso à informação que o poder público não estava suprindo.

Segundo Jesus (2011, p. 2-3):

Bibliotecas comunitárias são instituições voltadas para disseminar informação e cultura em locais de carência econômica. Na chamada sociedade da informação, ainda existem pessoas desinformadas, não pela opção de não quererem fazer parte desse processo, mas porque se veem privadas do direito de participação. Isso se deve ao fato de que a informação só está acessível a quem pode pagar por ela, pois a informação está contida em suportes informacionais como: Internet, livros, revistas, etc., cujo valor ultrapassa o poder aquisitivo de grande parcela da população. (JESUS, 2011, p. 2-3).

Entretanto, na literatura científica brasileira da área de Ciências da Informação ainda não há consenso sobre o conceito de biblioteca comunitária. Há autores que utilizam o termo biblioteca comunitária como sinônimo de biblioteca popular (FERREIRA, 1978; BADKE, 1984), outros afirmam que seria uma variante da biblioteca pública, pois oferecem os mesmos serviços (ALMEIDA JÚNIOR, 1997) e, por fim, aqueles que defendem a biblioteca comunitária como uma nova tipologia (MACHADO, 2009).

No Brasil, nas cidades do Rio de Janeiro e Niterói, houve a criação de uma rede de bibliotecas públicas nas comunidades mais afastadas, que receberam a denominação de bibliotecas populares, talvez numa tentativa de aproximação com o público usuário (MACHADO, 2009); além disso, na cidade de São Paulo temos as bibliotecas públicas dos Centros Educacionais Unificados (CEUs), também localizadas nos bairros periféricos (MACHADO, 2009). Em ambos os casos citados, embora se localizem em comunidades afastadas dos centros urbanos, essas bibliotecas não se constituem como bibliotecas comunitárias, porque foram criadas por instituições governamentais e são geridas por essas instituições.

A seguir, conforme Machado (2009, p. 6), são citadas algumas características das bibliotecas comunitárias:

[. . .] são bibliotecas criadas efetivamente pela e não para a comunidade (grifos da autora), como resultado de uma ação cultural; [. . .] combate à exclusão informacional como forma de luta pela igualdade e justiça social; o processo de articulação local e o forte vínculo com a comunidade; [. . .] estão, em geral, localizadas em regiões periféricas; e, o fato de não serem instituições governamentais, ou com vinculação direta aos Municípios, Estados ou Federação. (MACHADO, 2009, p. 6).

As características acima citadas são indicativos de que as bibliotecas comunitárias constituem uma tipologia diferente de biblioteca, com características bem peculiares e únicas. Conforme Machado e Vergueiro (2010, p. 7): “O motivo principal para a criação desses espaços é a dificuldade de acesso ao livro e à leitura, ou seja, a carência de espaços públicos para esse fim – bibliotecas públicas e escolares”. De forma que, para suprir essa carência, as lideranças das comunidades se articulam em associações de moradores e criam bibliotecas comunitárias nos seus bairros, buscando parceria com organizações não governamentais ou outras instituições para obter apoio financeiro e logístico.

A seguir apresentamos um histórico sobre as origens da Vila Nova Chocolateiro e da biblioteca Nova Chocolateiro, que é o palco onde se desenrolaram as ações de nossa história.

3.1 BIBLIOTECA COMUNITÁRIA NOVA CHOCOLATÃO: UM LUGAR ONDE AS CRIANÇAS PODEM RIR E CONVERSAR

Para conhecermos a história da Vila Nova Chocolatão recorreremos aos arquivos do Departamento Municipal de Habitação de Porto Alegre (DEMHAB), onde consta que a antiga Vila do Chocolatão ficava nas imediações do prédio da Receita Federal, apelidado de "Chocolatão" pela sua cor predominante, e que deu origem ao nome da Vila Chocolatão (<http://www.abc.habitacao.org.br/wp-content/uploads/2012/10/3-demhab-rs.pdf>).

Formada por volta do ano de 1984, no Centro Histórico de Porto Alegre, a Vila Chocolatão era uma ocupação irregular, em terreno da União. A justiça havia concedido a reintegração de posse e as famílias seriam despejadas do local; entretanto, houve acordo para que as mesmas permanecessem na área até a construção de novas residências adequadas.

A catação e a triagem de resíduos recicláveis eram o principal trabalho dos 732 moradores, tanto nas ruas da capital quanto no próprio assentamento. Contudo, desde 2003 já haviam ocorrido treze incêndios na Vila Chocolatão e tanto o acúmulo de resíduos recicláveis como as ligações elétricas clandestinas contribuíam para essas ocorrências.

No período de 12 a 26 de maio de 2011 as famílias foram transferidas para o novo local e o nome escolhido pelos moradores para o novo loteamento foi Residencial Nova Chocolatão, como referência à antiga vila. Atualmente o Residencial Nova Chocolatão está localizado no bairro Morro Santana, na Avenida Protásio Alves, 9099, em Porto Alegre. Tem uma área total de 3,3 hectares com 181 unidades habitacionais de alvenaria e acesso aos serviços de energia elétrica e abastecimento de água, rede de esgotos e coleta de lixo domiciliar.

Contudo, de acordo com notícia publicada no Jornal do Comércio datada de 21/10/2013 (<http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=137650>) alguns membros da Associação de Moradores da Vila Nova Chocolatão foram à Câmara dos Vereadores para reivindicar soluções para problemas ainda não resolvidos do projeto de reassentamento, tais como: a construção de uma sede para a associação, a regularização da situação das casas para novos e velhos moradores e a criação de fontes de renda para a comunidade. Na reportagem a Associação de Moradores afirmava que 70% das 181 famílias oriundas da antiga Vila Chocolatão já haviam ido

embora das casas cedidas pela prefeitura, enquanto que o DEMHAB informava uma taxa de 10% de evasão. A razão apontada para a evasão era que a vila ficava localizada muito distante do centro da capital, dificultando o trabalho de coleta de resíduos recicláveis dos catadores.

Segundo o Sr. Carlinhos, um dos moradores mais antigos da comunidade, cerca de 90% das pessoas da antiga vila trabalhavam com reciclagem e, como na nova Usina de Triagem não havia espaço para todo mundo, muitos acabaram vendendo o imóvel. E muitos deles ainda lembram da facilidade com que conseguiam material reciclável no centro da cidade, e de quando tinham um melhor rendimento.

No projeto de realocação constavam outras alternativas de geração de renda para os moradores que não quisessem trabalhar no galpão, e, inclusive havia a previsão de gastos. Porém, embora essa proposta tenha sido ratificada no Termo de Compromisso, onde constava o prazo de até doze meses após o reassentamento para as atividades serem realizadas, este fato não chegou a ocorrer. Como consequência, muitas famílias acabaram voltando para as ruas. E a situação retratada no Jornal do Comércio persiste nos dias atuais, conforme relatos informais de moradores da vila.

No que tange à Biblioteca Nova Chocolatão, conforme consta no site da organização não governamental (Ong) Centro de Integração de Redes Sociais e Cultura Locais (Cirandar), as atividades da Biblioteca Chocolatão começaram no ano de 2009 na antiga vila Chocolatão, no bairro Centro de Porto Alegre. (<http://cirandar.org.br/vilachocolatao-integra-rede-de-bibliotecas-comuniarias-de-poa/2>). O Cirandar, localizado na Rua dos Andradas, 1780, 3º andar, Bairro Centro, na cidade de Porto Alegre/RS, atua como gestor da biblioteca, realizando o acompanhamento técnico e a formação de educadores e gestores através de encontros de formação, cursos, seminários, etc.; e conta com o apoio técnico e financeiro fornecido pelo Instituto C&A através do Programa Prazer em Ler, cujo objetivo é o fortalecimento de espaços de leitura no Brasil. Devido ao reassentamento dos moradores da Vila Chocolatão para o Residencial Nova Chocolatão a biblioteca também foi transferida para o novo loteamento e passou a chamar-se biblioteca Nova Chocolatão.

Na página seguinte vemos uma foto digitalizada da fachada da biblioteca Nova Chocolatão.

Figura 1 – Foto da fachada da Biblioteca Nova Chocolateão



Fonte: da autora

Atualmente a biblioteca Nova Chocolateão fica localizada na Rua Mario Juarez de Oliveira, 261, no bairro Morro Santana; também com entrada pela Avenida Protásio Alves, 9900, na zona leste de Porto Alegre. A biblioteca integra o Projeto Redes de Leitura, que recebe apoio técnico e financeiro do Instituto C&A e supervisão de gestão da Ong Cirandar, que exerce o papel de organização formadora; e está instalada em uma casa de alvenaria que fica na esquina da Rua Mario Juarez de Oliveira, nº 261. As paredes internas são pintadas nas cores azul, verde, laranja, e vermelho, em tons fortes. Na entrada da biblioteca, à direita, encostadas à parede ficam as estantes com livros juvenis e adultos; à esquerda, fica o espaço reservado para as crianças, com tapete, pufes e almofadas coloridas, além de uma mesinha e três cadeiras pequenas.

Figura 2 – Ala infantil da biblioteca



Fonte: da autora

Na parede lateral vários caixotes de frutas pintados de branco, abrigam os livros infantis que são identificados por cores, as quais correspondem aos diferentes gêneros (poesia, contos, contos de fadas, etc.).

Figura 3 – Caixotes com literatura infantil



Fonte: da autora

No centro do ambiente há uma estante onde ficam expostas as novidades e também as revistas de histórias em quadrinhos, que são muito procuradas. Atrás dessa estante expositora temos uma mesa com computador e impressora para uso da educadora responsável pela organização do acervo e do local.

Figura 4 – Estante expositora



Fonte: da autora

Na parede dos fundos, no canto direito, junto à janela, há uma mesa redonda e algumas cadeiras plásticas empilháveis; e no meio dessa parede há uma porta que dá acesso a uma pequena cozinha com geladeira e micro-ondas. Na peça contígua à cozinha há um pequeno banheiro.

Figura 5 – Fundos da biblioteca – Instrumentos de capoeira



Fonte: da autora

No ano de 2013, com recursos advindos do Programa Criança Esperança, foram feitas ampliação da escada, construção da rampa de acesso, substituição integral do piso, colocação de calhas e algerosas, e a ampliação de mais uma sala. Atualmente a biblioteca conta com dois ambientes, além de banheiro e uma pequena cozinha, totalizando 55 m² de área.

Possui um acervo de aproximadamente 2000 obras, com predominância de livros de literatura infantil e juvenil, mas também conta com livros de literatura adulta (nacional e estrangeira). O público da biblioteca é composto principalmente por crianças e adolescentes, no horário de intervalo das aulas (almoço e final da tarde). As crianças entram correndo, pulando, falando alto, rindo e conversando, enfim, sendo espontâneas e desinibidas. Percebe-se que elas estão completamente à vontade, sentem-se em casa, e demonstram isto de várias formas, como por exemplo, jogando almofadas uns nos outros, brincando de pegar dentro da biblioteca, dando risada, etc.

Além disso, os educadores promovem atividades culturais como o Literacine, que acontece uma vez por mês, aos sábados à tarde, quando é feita a projeção de um filme e depois se apresenta o livro sobre esse filme como sugestão de leitura; e a aula de capoeira ministrada por um voluntário nas tardes de sextas-feiras e que atrai um bom público, principalmente crianças e jovens até 14 anos.

Na página seguinte vemos uma foto da aula de capoeira ministrada pelo voluntário nas tardes de sexta-feira.

Figura 6 – Aula de capoeira



Fonte: da autora

O que chama a atenção quando se visita a biblioteca Nova Chocolatão é a alegria e a descontração que imperam entre os seus usuários. E isto se deve em grande parte à preocupação do órgão gestor, Ong Cirandar, em criar ambientes acolhedores e convidativos para as crianças e adolescentes, percebido nos detalhes presentes nas cores alegres e fortes das paredes, nos enfeites espalhados por todos os cantos, nas almofadas e pufes coloridos e a não existência da placa “Silêncio” (grifo nosso), que era elemento obrigatório nas bibliotecas até alguns anos atrás.

Os aspectos acima citados nos apontaram o caminho a trilhar, pois tiveram uma grande influência em nossa decisão de escolher a biblioteca Nova Chocolatão para a realização de nosso estudo, nos conduzindo para o campo de atuação da Psicologia Ambiental. Ao buscar informações sobre essa área do conhecimento, tão distante da nossa realidade curricular acadêmica, nos deparamos com conteúdos muito diversificados, abrangendo várias especialidades e percebemos o desafio que estava à nossa frente; ao lidar com uma área totalmente desconhecida, mas ao mesmo tempo tão estimulante e sedutora.

Gradualmente fomos nos envolvendo com os conteúdos da Psicologia Ambiental que a cada texto lido apresentava novas nuances, novos aspectos da realidade a serem desvendados, nos despertando o desejo de saber mais e mais sobre as áreas de atuação dos profissionais desse ramo do conhecimento. E foi então que decidimos utilizar esses novos conhecimentos para tecer relações com a biblioteca comunitária e avançar em novos rumos de pesquisa buscando averiguar a

ocorrência das manifestações de apropriação do espaço, identidade de lugar e sentimento de pertencimento por parte das crianças em relação à biblioteca Nova Chocolateira.

Para continuar a narração desta história, na sequência descrevemos as etapas do roteiro desta história, ou seja, as etapas do desenvolvimento da Metodologia adotada neste estudo.

4 ROTEIRO DA HISTÓRIA

Seja um filme, um documentário ou uma peça teatral, necessitamos de um roteiro detalhando todas as situações e descrevendo cada cena de forma minuciosa. Da mesma forma, nesta pesquisa seguimos um roteiro, onde a Biblioteca comunitária Nova Chocolate, é o local (palco) onde se desenvolve a ação; e as crianças que frequentam a biblioteca, são os personagens.

No enredo desta história vamos investigar como nossos personagens (crianças/sujeitos participantes) percebem a biblioteca, identificando as formas de apropriação desse espaço. Ou seja, faremos a análise e interpretação dos comportamentos e sentimentos desses personagens (crianças/sujeitos participantes) em relação a essa biblioteca, assim como a relação com os conceitos de apropriação do espaço, sentimento de pertencimento e identidade de lugar, oriundos da área de conhecimento da Psicologia Ambiental.

Considerando o caráter subjetivo deste estudo, a pesquisa qualitativa foi a escolha óbvia visto que possibilita a utilização de diversos instrumentos de coleta de dados e, conseqüentemente, contribui para a construção de resultados mais fidedignos. Conforme Cunha e Cavalcanti (2008, p. 282) a pesquisa qualitativa é um método “derivado da psicologia, em especial da psicanálise, onde se buscam informações através de um número limitado, porém significativo, de elementos amostrais, tornando-se possível a obtenção de opiniões em profundidade e detalhamento das razões para determinadas posições assumidas”.

Pelas razões acima citadas, utilizamos dois instrumentos de coleta distintos, o Diário de Campo e os desenhos infantis, de forma a proporcionar um enfoque mais amplo e diversificado em relação às informações obtidas.

Para a análise dos relatos que compõem o Diário de Campo, assim como dos elementos gráficos presentes nos desenhos infantis utilizamos a técnica de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (1979, p.34) que:

É um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não).

Não se trata de atravessar significantes para atingir significados, [...], mas atingir através de significantes ou de significados (manipulados), outros 'significados' (grifo da autora) de natureza psicológica, sociológica, política, histórica, etc. (BARDIN, 1979, p.38)

Na criação das categorias analíticas observamos as regras de Laurence Bardin quanto à exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. A seguir vamos descrever o tipo de estudo e as técnicas de análise adotadas nesta pesquisa.

4.1 O CENÁRIO

Para a realização deste estudo escolhemos a pesquisa de campo do tipo exploratório-descritivo combinados, que, de acordo com Marconi; Lakatos (2007, p. 190):

[...] têm por objetivo descrever completamente determinado fenômeno [...]. Podem ser encontradas tanto descrições quantitativas e/ou qualitativas quanto acumulação de informações detalhadas como as obtidas por intermédio da observação participante. (MARCONI; LAKATOS, 2007, P. 190).

Conforme Malinovski (1984) a observação participante é a única forma de conhecer uma sociedade no seu contexto e na sua totalidade, pois através dela o pesquisador tem a oportunidade de efetuar a pesquisa e, com o consentimento dos pesquisados, também interagir com esses sujeitos. Nesta interação os fatos presenciados/vivenciados constituem os relatos do Diário de Campo, de forma que é no trabalho de campo, observando as situações ocorridas no interior do grupo no qual vive, age e se relaciona, que poderemos entender o homem integralmente (social, biológica e psicológica). (MALINOVSKI, 1984).

Na sequência abordaremos os instrumentos de coleta de dados.

4.2 OS ACESSÓRIOS UTILIZADOS

Para contar esta história recorreremos aos relatos que compõem o Diário de Campo e aos desenhos infantis, sendo que a coleta dos dados ocorreu em duas etapas, conforme segue:

- a) 1ª etapa: A observação participante com a consequente produção de Diário de campo, onde foram registradas as situações vivenciadas pela pesquisadora. Esta etapa serviu como sondagem para a extração de dados que conduziram à decisão de utilizar desenhos infantis como forma de avaliar os sentimentos das crianças em relação à biblioteca;
- b) 2ª etapa: A confecção dos desenhos infantis solicitados pela pesquisadora em resposta à pergunta “Como você se sente na biblioteca?”

A seguir apresentaremos os procedimentos de elaboração do Diário de Campo.

4.2.1 Tardes passadas na biblioteca

Nada melhor do que estar no meio das crianças para poder observar os comportamentos delas de forma natural e espontânea; de modo que através da observação participante estivemos presente na biblioteca e pudemos observar as crianças em suas interações com as outras pessoas. De modo que no mês de agosto realizamos observação nos dias 06, 11,12 e 13 e em setembro nos dias 03, 08, 09, 11, totalizando 28 horas. Esse período de observação foi considerado suficiente porque as situações vivenciadas na biblioteca já estavam se tornando repetitivas, sem apresentar novidades.

Anotamos em um caderno as situações vivenciadas/presenciadas enquanto as crianças circulavam pelo ambiente e interagiam entre si ou com a educadora. No total foram produzidos oito textos, compondo o corpo textual do Diário de Campo, e que foram utilizados nas análises de conteúdo.

A preocupação com o caráter ético deste estudo nos levou a criar um código (em substituição ao nome de cada um), conforme segue:

- a) Crianças do sexo feminino: letra F, seguida de caractere numérico em ordem sequencial;
- b) Crianças do sexo masculino: letra M, seguida de caractere numérico em ordem sequencial;
- c) Educadora: letra P;
- d) Pesquisadora: letra Z;
- e) Voluntário instrutor de capoeira: letra V.

De forma que, posteriormente, ao citar trechos do Diário de Campo e apresentar as fotos digitalizadas dos desenhos elaborados pelas crianças, não citaremos o nome das mesmas, e colocaremos o código correspondente (conforme acima). Além disso, as crianças levaram para seus pais assinarem o Termo de Consentimento livre e informado, elaborado por nós em linguagem simples e acessível, no qual informávamos aos pais que as crianças seriam observadas enquanto interagiam com as outras crianças no ambiente da biblioteca e, posteriormente seriam convidadas a fazerem desenhos. Estes termos de consentimento estão de posse da estudante e serão mantidos em arquivo pessoal.

Porém, conforme informações recebidas do professor Rodrigo Silva Caxias de Souza, orientador e coordenador da Comissão de Graduação de Biblioteconomia, em trabalhos de conclusão de curso não é exigido a submissão ao Comitê de Ética. No entanto, ainda que o presente estudo não possua características invasivas nem exponha a intimidade pessoal e/ou familiar dessas crianças, tomamos as precauções acima descritas no intuito de proteger a privacidade das crianças participantes do estudo. Além disso, tanto os textos do Diário de Campo como os desenhos foram armazenados em uma pasta do arquivo pessoal da estudante.

Na continuação veremos as teorias de Luquet (1969) e Piaget (1973) em relação aos desenhos infantis, bem como descreveremos os procedimentos para a elaboração dos mesmos.

4.2.2 A criança e seus desenhos

Desde cedo as crianças começam a fazer seus rabiscos por todos os lugares e em todos os materiais que encontram pela frente. É comum pegarem qualquer material que caia em suas mãos, e deixarem seus autógrafos através de majestosos riscos e rabiscos generosamente espalhados, para desespero de mães/pais/irmãos que encontram suas agendas, revistas e trabalhos escolares com as obras de arte desses pequeninos, que os exibem orgulhosos. É uma genuína manifestação de expressão das crianças que estão explorando o mundo ao seu redor e descobrindo nos lápis e canetas uma nova forma de brincar e extravasar seus sentimentos.

Selecionamos a faixa etária dos 8 aos 12 anos para a confecção dos desenhos porque atualmente são as crianças mais assíduas na biblioteca, além de em geral já apresentarem o desenho mais desenvolvido e também saberem se expressar melhor.

Os desenhos foram executados nos dias 03 e 08 de setembro, sempre com as mesmas crianças. Nos dias combinados as crianças sentaram em duas mesas onde foram colocados os materiais para desenho (lápis preto, lápis de cor, giz de cera, canetinhas hidrocor, borracha, régua e apontador). Cada criança recebeu uma folha de papel e foi solicitado que o desenho respondesse à seguinte pergunta: **“Como você se sente na biblioteca?”** Deixamos as crianças à vontade para se expressarem, sem a intervenção nem assistência por parte da estudante ou da educadora. Algumas perguntaram se também podiam escrever e nós autorizamos visto que o desenho e a escrita estão interligados e são complementares.

Não estipulamos horário para término dos desenhos porque a proposta era que fizessem no seu ritmo, sem pressa. Quando terminavam perguntávamos sobre o significado de alguns elementos do desenho, mas somente três crianças deram alguma explicação, as outras disseram que era o que estava no desenho, sem maiores explicações. No total foram confeccionados 10 desenhos, sendo 2 de cada faixa etária (8, 9, 10, 11 e 12 anos).

Segundo Luquet (1969, p. 15): “A criança desenha para se divertir. O desenho é para ela um jogo como quaisquer outros e que se intercala entre eles”. O desenho é uma manifestação semiótica, ou seja, é uma entre outras tantas formas de atribuição de significado, que se expressa, se constrói e se desenvolve conjuntamente com outras manifestações como o brincar e a linguagem verbal (PIAGET, 1973).

Para os adultos, olhar para aquele emaranhado de riscos não ajuda a entender o que está ali representado, mas a criança olha e inocentemente nos diz que é uma flor, um cachorro, o pai ou a mãe, etc. Para auxiliar na compreensão dos desenhos infantis muitos pesquisadores de diversas áreas, como psicologia, pedagogia, artes visuais, etc., tem se debruçado sobre o tema. No entanto continua sendo a visão de um indivíduo adulto e sua interpretação sobre o desenho de uma criança; e mesmo para elas o significado do desenho elaborado não é algo que possam explicar pois se trata de uma representação inconsciente da realidade cognitiva e emocional que elas estão vivenciando naquele momento.

Conforme Pillar (1996, p. 37):

[...] a criança não nasce sabendo desenhar, mas constrói o seu conhecimento acerca do desenho através da sua atividade com este objeto de conhecimento. Assim, a criança não desenha o que vê nos objetos, mas o que suas estruturas mentais lhe possibilitam que veja,

e mais, em lugar de encontrar o mundo diretamente a criança o interpreta. [...] A criança é o sujeito do seu processo, ela aprende a desenhar na sua interação com o desenho, o que lhe propicia construir hipóteses acerca da natureza e funções desse sistema. Para tal, a criança produz e interpreta desenhos, seus e dos outros. (PILLAR, 1996, p. 37).

Porém, o desenho da criança não é uma mera cópia dos objetos, correspondendo a um modelo interno que a criança possui, ou seja, uma representação mental do objeto a ser desenhado. (LUQUET, 1969).

Devido ao caráter subjetivo desse estudo buscamos auxílio nas áreas de psicologia e psicopedagogia, na intenção de entender os conteúdos representados nos desenhos. Porém, como frisamos anteriormente, não iremos nos aprofundar nesses aspectos porque não fazem parte do escopo desta pesquisa. Contudo, o uso de desenhos infantis como instrumento de coleta de dados em pesquisas qualitativas tem sido cada vez mais frequente, visto que através dos desenhos é possível identificar os elementos que estão representados e explorar os possíveis conteúdos/contextos. Segundo Pillar (1996, p. 213):

A análise do desenho é reveladora das representações de forma e espaço que a criança possui, e visa a caracterizar tanto o seu nível de estruturação do sistema do desenho como o seu repertório gráfico. Entende-se por representação de forma todos os elementos que a criança faz ou diz ter feito no desenho, sendo os mais comuns a figura humana, a casa, as plantas, os animais e os automóveis. (PILLAR. 1996, p. 213)

Além disso, o repertório gráfico da criança está condicionado pelo ambiente onde ela vive (LUQUET, 1969), ou seja, as vivências da criança, como o contato constante com animais domésticos (cães, gatos, galinhas, etc.) e situações presenciadas por elas, estarão representadas nos seus desenhos, pois desta forma elas estão elaborando seus sentimentos/medos/angústias.

Em geral os trabalhos que utilizam desenhos infantis são da área de pedagogia, psicopedagogia e artes visuais (AMANCIO, 2006; NATIVIDADE, COUTINHO e ZANELLA, 2008; PAIVA e CARDOSO, 2010; SILVA et al., 2010; FARIA, 2014), e abordam os aspectos psicológicos dos desenhos e/ou os níveis de desenvolvimento intelectual e/ou gráfico das crianças.

A seguir detalharemos o processo de análise dos dados coletados.

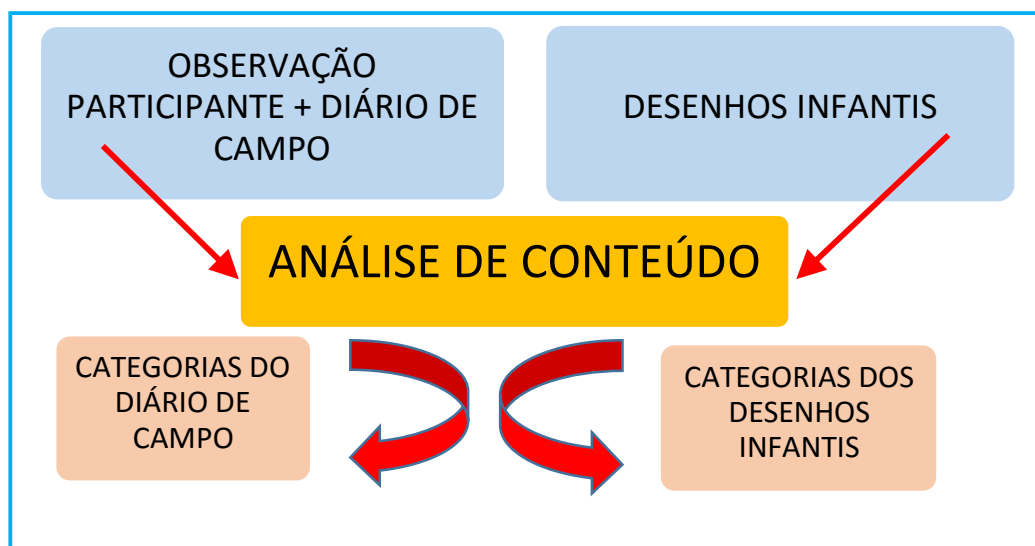
4.3 AS FORMAS DE EXPRESSÃO DOS PERSONAGENS

Como utilizamos dois instrumentos de coleta de dados, a análise dos dados coletados também foi efetuada em duas etapas, conforme segue:

- a) 1ª etapa: Análise de conteúdo dos textos (anotações) elaborados pela pesquisadora registrados no Diário de Campo, através da identificação das expressões/termos e a categorização dos elementos temáticos;
- b) 2ª etapa: Análise de conteúdo dos Desenhos Infantis através da identificação dos elementos representados e a categorização dos elementos temáticos.

Abaixo quadro representativo das etapas acima descritas.

Quadro 1 - Representação das etapas de análise dos dados



Fonte: da autora

Na página seguinte descreveremos o processo de análise de conteúdo do Diário de Campo.

4.3.1 Os textos e suas representações

Na observação participante os personagens da história são as crianças e as situações vivenciadas por elas fazem parte dos registros anotados no Diário de Campo. Assim, o que foi analisado nos textos do Diário de Campo foram as

representações de manifestação das emoções/sentimentos e comportamentos dessas crianças em relação à biblioteca.

Para efetuar a análise de conteúdo do Diário de Campo utilizamos as etapas propostas por Bardin (1979, p. 95), ou seja:

- a) a pré-análise;
- b) a exploração do material;
- c) tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.
(BARDIN, 1979, p.95)

Na pré-análise selecionamos e organizamos as transcrições dos textos do Diário de Campo. Na exploração do material fizemos a leitura de todos os textos e selecionamos os termos/expressões que evidenciavam os comportamentos/sentimentos das crianças em relação à biblioteca.

Em seguida agrupamos os termos previamente selecionados em elementos temáticos condizentes com as situações representadas e, posteriormente, na categoria analítica que resumia o contexto. Por exemplo, os elementos temáticos **brincar de pegar, brincar de lutar, jogar almofadas** (grifos nossos), etc. foram reunidos na **categoria analítica Brincadeiras**.

No tratamento dos dados ordenamos todos os conteúdos em uma tabela do programa Word onde contabilizamos a frequência de ocorrência com o intuito de verificar quais os elementos mais frequentes e quais os menos frequentes.

A inferência e interpretação dos dados serão abordadas no tópico 5 do presente texto. Na continuação explanaremos como foram feitas as análises de conteúdo dos desenhos infantis.

4.3.2 Os desenhos e suas representações

Quanto aos desenhos infantis, na pré-análise da análise de conteúdo, relacionamos os elementos gráficos representados, como por exemplo, sol, árvores, terra, grama, pessoas, etc.

Na exploração do material reunimos os elementos selecionados de acordo com as suas características/atributos, e a seguir os vinculamos às categorias analíticas correspondentes. Por exemplo, o sol, a chuva, o arco-íris foram identificados como elementos temáticos do Clima.

No tratamento dos dados elaboramos uma tabela do programa Word com os dados apurados e contabilizamos a frequência de ocorrência desses elementos, de forma a poder identificar quais os elementos mais frequentes assim como os que menos apareciam.

A apresentação dos resultados será detalhada no tópico 5 subsequente.

5 AS REPRESENTAÇÕES DAS CRIANÇAS SOBRE OS ESPAÇOS DA BIBLIOTECA NOVA CHOCOLATÃO

A história está se aproximando do final e é chegada a hora de apresentar os resultados das análises do Diário de Campo e dos desenhos infantis, bem como interpretar os significados relacionando-os com os conceitos da Psicologia Ambiental abordados no presente estudo, ou seja, apropriação do espaço, identidade de lugar e sentimento de pertencimento.

5.1 OS SIGNIFICADOS POR TRÁS DAS PALAVRAS

Organizamos as categorias analíticas de acordo com o contexto dos elementos temáticos associados a elas, como por exemplo, na categoria Brincadeiras estão listados os jogos e atividades que as crianças utilizam para se divertir, tais como: jogar almofadas, correr/rolar, etc., e na categoria Descontração foram listados os comportamentos que demonstram esta noção, tais como falar em voz alta dentro da biblioteca, cantar/assobiar/ouvir música no celular, dar risada, etc.

A seguir apresentaremos as categorias e os trechos extraídos do Diário de Campo ilustrando as situações.

a) Categoria Brincadeiras: Elenca os jogos/brincadeiras das crianças no ambiente da biblioteca. É a categoria que possui o maior número de ocorrências, sugerindo que as crianças vão à biblioteca em busca de diversão, o que é corroborado pelos elementos temáticos que aparecem nesta categoria: correr/rolar, desenhar, implicar um com outro, jogar almofadas, jogar bolinha, brincar de luta, brincar de pegar, esconder-se. Como exemplo citam-se as situações extraídas dos relatos do Diário de Campo abaixo relacionadas:

- I. [...] se jogam umas sobre as outras no tapete, se embolando, se apertando e dando risadas;
- II. Na mesinha estão sentadas três meninas e um menino, todos desenhando e conversando e rindo;

- III. Dois meninos sentam na mesinha e começam a desenhar e logo se juntam outras crianças, todos querendo desenhar;
- IV. Os meninos continuam fazendo as piruetas de capoeira;
- V. Na mesa pequena duas meninas estavam desenhando, conversando, olhando os seus celulares e rindo, tudo ao mesmo tempo.

Abaixo vemos o Quadro 1 com os elementos temáticos e as categorias analíticas apuradas.

Quadro 1 - Elementos da análise de conteúdo temático dos relatos do Diário de Campo

ELEMENTOS TEMÁTICOS	CATEGORIAS ANALÍTICAS	OCORRÊNCIAS
Correr/rolar		28
Desenhar		24
Implicar um com outro/Debochar		14
Jogar almofadas	BRINCADEIRAS	8
Jogar bolinha		6
Brincar de luta		6
Brincar de pegar		4
Esconder-se		4
Total		94
Falar em voz alta		13
Cantar/Assobiar/Ouvir música no celular		12
Dar risada	DESCONTRAÇÃO	10
Deitar no tapete/chão		8
Tirar os calçados		2
Comer lanche que trouxe de casa		2
Total		47
Ler livros/ouvir histórias		30
Tocar instrumentos musicais	EDUCAÇÃO	2
Dobraduras de origami		2
Total		34
Andar com motinho ou bicicleta dentro da biblioteca		6
Trazer brinquedo de casa (ou bichinho de estimação)	APROPRIAÇÃO	2
Total		

Fonte: da autora

Conforme vemos no Quadro 1, da página anterior, as atividades das crianças são na maioria grupais, onde interagem com outras crianças; entretanto a atividade de desenhar, preferida pela maioria das crianças, é de caráter individual. Contudo, é comum eles se reunirem nas mesas, em pequenos grupos, para desenhar e conversar e rir, tudo ao mesmo tempo. Ficam comparando os desenhos, implicando e debochando uns dos outros.

b) Categoria Descontração: Lista os comportamentos que demonstram familiaridade/intimidade com o ambiente, o sentir-se em casa, tais como: falar em voz alta, dar risada, cantar/assobiar/ouvir música no celular, deitar no tapete/chão, tirar os calçados e comer lanche que trouxe de casa. Citam-se como exemplo algumas situações extraídas do Diário de Campo:

- I. O menino está deitado no tapete, de pés descalços e parece estar cochilando;
- II. A menina chega com uma caneca nas mãos, comendo bolachas com leite;
- III. As meninas começaram a ler em voz alta e cada uma falava mais alto que a outra;
- IV. Ela vai se deitar no chão em cima das pernas da educadora;
- V. O menino está sentado na mesinha, usando fones de ouvido, escutando música e mexendo no celular;
- VI. Ele fica cantando e folheando um livro, depois se levanta e começa a andar assobiando.

Deitar-se no tapete, sem os calçados e cochilar ou trazer um lanche de casa para comer na biblioteca, ambas situações descrevem comportamentos que caracterizam os sentimentos de estar à vontade, ter intimidade e familiaridade com o local e com as pessoas, enfim, sentir-se descontraído e como se estivesse em sua casa.

c) Categoria Educação: Estão listadas as atividades propostas pela biblioteca, tais como: ler livros/ouvir histórias, dobraduras de origami e tocar instrumentos musicais. Ler livros/ouvir histórias é uma atividade muito

apreciada pelas crianças, que a todo momento pedem para a educadora ou algum voluntário ler uma história escolhida por eles. Em geral as crianças têm alguma história preferida e repetidas vezes pedem a mesma. As dobraduras de origami também têm agradado a criançada que costuma deixar os seus trabalhos expostos enfeitando a biblioteca. Nesta categoria citam-se como exemplo as situações abaixo:

- I. O menino começa a tocar o bongô;
- II. A educadora estava ensinando eles a fazerem um cisne de papel com a técnica do Origami;
- III. A menina pede que a estudante leia A Bruxa Salomé e ela fica muito concentrada ouvindo a história;
- IV. Uma menina toca o chocalho, a outra o atabaque e a outra toca o pandeiro.

Outra atividade muito apreciada é a aula de capoeira, com o voluntário que vem às sextas-feiras à tarde, quando as crianças aprendem a tocar chocalho, bongô, berimbau e atabaque. Nessas ocasiões o voluntário procurava incutir nas crianças noções de trabalho em grupo, insistindo para que todos se revezassem nos instrumentos e respeitassem o ritmo de cada um. Ele conseguia fazer com que as crianças se acalmassem e cantassem juntas o samba de raiz, repetindo a música à medida que ele ia cantando e o resultado final ficava muito bom. Percebia-se que tocar instrumentos aproximava as crianças, e as deixava mais relaxadas e colaborativas.

Embora a educação pedagógica não seja o objetivo norteador da biblioteca comunitária, os educadores e os voluntários são orientados para incentivarem a leitura e as atividades culturais como forma de atraírem as crianças e os adolescentes para a biblioteca.

d) Categoria Apropriação: abrange os comportamentos de andar com motinho ou bicicleta dentro da biblioteca e trazer brinquedo de casa (ou bichinho de estimação), reforçando a percepção, já descrita na categoria Descontração, de que o sentimento de se sentir em casa/à vontade permeia os comportamentos das crianças que frequentam a biblioteca. A título de exemplo extraímos do Diário de Campo os exemplos abaixo:

- I. Entra um menino dirigindo sua “motinho” (grifo nosso) dentro da biblioteca;
- II. A pesquisadora está sentada de costas para a janela e começa a sentir algo se movendo em seu pescoço. E o menino mostra que é o seu bichinho de estimação;
- III. Dois meninos entram dirigindo bicicletas;
- IV. A menina entra carregando sua boneca e se senta na mesinha.

Os exemplos citados evidenciam claramente a apropriação do espaço por parte das crianças, pois elas agem com desenvoltura e desinibição tomando atitudes que demonstram o sentimento de apropriação daquele lugar, como se fosse uma extensão de sua própria casa.

A seguir descreveremos os significados/conteúdos que foram apurados nos desenhos infantis.

5.2 OS SIGNIFICADOS DA BIBLIOTECA ATRAVÉS DOS DESENHOS DAS CRIANÇAS

Para a criança o desenho é um momento de introspecção, onde ela se posiciona diante de uma folha de papel e munida de lápis/caneta, coloridos ou não, ela se dedica a desenhar alguma coisa que, em geral, já estava na sua mente. Algumas crianças demonstram talento e habilidade no manejo do lápis e com facilidade criam reproduções de coisas que estão a sua volta; para outras, entretanto, desenhar é uma atividade a que se entregam por imposição de pais e/ou professores e não chegam a desenvolver talento nem habilidade para a criação artística.

Segundo Luquet (1969, p. 27):

Um desenho não é nunca um substituto do objeto correspondente, de menor valor, e que tornaria inútil a presença do objeto; é a obra da criança, produto e manifestação da sua atividade criadora, e o exercício desta mesma faculdade é o mesmo e acompanha-se de um igual prazer, quer o desenho reproduza um objeto presente ou ausente. (LUQUET, 1969, P. 27).

Na página seguinte vemos o Quadro 2 – Elementos de Análise de conteúdo Temático-Categorial dos Desenhos Infantis onde aparecem as categorias apuradas:

Natureza, Ambiência e Simbolismo. Na parte das palavras que aparecem escritas nos desenhos foram as seguintes categorias: Motivações e Emoções/Sentimentos.

Quadro 2 - Elementos de Análise de Conteúdo Temático-Categorial dos Desenhos Infantis

ELEMENTOS TEMÁTICOS	CATEGORIA ANALÍTICA	OCORRÊNCIAS
Pessoas		12
Vegetação	NATUREZA	11
Clima		9
Total		32
Casa (Biblioteca)		3
Educadora ("Sora")	AMBIÊNCIA	2
Livros		2
Total		7
Coração	SIMBOLISMO	4
Total		4
PALAVRAS ESCRITAS NOS DESENHOS		
Brincar/Divertir		6
Ler	MOTIVAÇÕES	2
Aprendo muitas coisas		2
Gosto de desenhar		1
Total		11
Legal/Ótimo		3
Alegria	EMOÇÕES/SENTIMENTOS	1
Amor		1
Adoro Vc !		1
D+		1
Bonita		1
Bjs (=beijos)		1
Total		9

Fonte: da autora

Na página seguinte iremos apresentar fotos digitalizadas dos desenhos e faremos uma análise superficial dos mesmos, baseada apenas nos elementos representados e no que podem estar sugerindo. Não pretendemos fazer uma análise psicológica ou de desenvolvimento gráfico dos desenhos reproduzidos neste trabalho.

Na análise de conteúdo dos desenhos aparece mais de uma categoria analítica visto que há elementos temáticos variados nos mesmos, como por exemplo, na figura 7, na página seguinte, há elementos das categorias Natureza e Ambiência.

- a) **Categoria Natureza:** É a categoria que mais se destaca; nela estão listadas as pessoas, a vegetação (árvores, terra, grama, flores, frutas, etc.) e o clima (sol, nuvens, chuva, arco-íris).

Na figura 7, abaixo, a biblioteca está representada em primeiro plano e ao lado dela está a educadora (“sora” – grifo nosso) com livros na mão (conforme informou a criança). Também estão escritas as palavras: **A sora, os livros, a biblioteca**. E aparecem elementos da natureza: o sol, a nuvem, a árvore e a grama (a grama está sob os pés da educadora numa linha verde enrodilhada; mas na foto abaixo fica difícil perceber).

Figura 7



Fonte: Desenho de uma criança de 8 anos (F19)

Acima, na figura 7, está representada uma pessoa com cabelos pretos compridos e segurando livros, numa clara referência à educadora, ou “sora” (grifo nosso), como está escrito no próprio desenho. Nesse desenho percebe-se que a criança está fazendo uma associação entre a biblioteca, a educadora e os livros, sugerindo que para essa criança há um vínculo com o local porque nesse local ela encontra a educadora e também os livros. De forma que essa criança constrói um laço afetivo com a biblioteca através da figura da educadora.

Já a figura 8, na página seguinte, foi feita com a folha na posição vertical, e na base há um emaranhado de linhas marrons (terra) e uma linha ondulada verde clara margeando (grama e morros). Na lateral esquerda o sol (com olhos, nariz e boca) e ao centro um passarinho azul. Na lateral direita há uma pequena árvore com frutas. Bem ao centro e acima do passarinho há três pessoas, a maior delas com um livro na mão e as outras duas, menores, com braços e pernas abertos. Há uma linha divisória

azul que vai de uma ponta a outra da folha e acima dessa linha há um quadrado em linhas amarelas onde há uma criança pequena deitada, outra pessoa maior que parece estar lendo um livro e duas outras menores que parecem estar jogando bola; porém a imagem é pequena e fica difícil distinguir.

Figura 8



Fonte: Desenho de uma criança de 10 anos (M15)

A figura 8, acima, sugere que a criança está representando a rua onde fica a biblioteca, a qual apresenta na parte superior do desenho algumas pessoas dentro de um quadrado de linhas amarelas, que poderia estar representando o espaço fechado da biblioteca; em seguida há uma linha azul dividindo a folha e na parte de baixo vemos uma pessoa maior e duas menores, que estão soltas (não estão dentro de um quadrado, conforme visto acima), o sol, um passarinho azul, uma árvore com frutas e três morrinhos de grama e terra. Os morrinhos podem estar representando a lombada (subida/encosta) da rua onde está localizada a biblioteca.

Na página seguinte, na figura 9, na lateral esquerda há uma árvore e acima dela há duas nuvens pintadas na cor azul e um pequeno sol amarelo espremido entre elas. Na parte de baixo, à direita da árvore, há uma flor em formato de coração, pintada na cor rosa forte e quase do tamanho da árvore. No alto da folha está escrito **“E gosto da biblioteca porque nela eu aprendo muitas coisas”**. Nesse desenho a criança está claramente expressando os seus sentimentos pela biblioteca, mostrando que para ela é um local de aprendizagem, de acesso à informação e construção de conhecimento.

Figura 9



Fonte: Desenho de uma criança de 9 anos (F21)

Abaixo, na figura 10, vemos mais elementos da natureza. No canto superior esquerdo está o sol, com olhos e boca (antropomorfização) e abaixo dele há um arco-íris e abaixo desse um coração com olhos, boca, dentes, asinhas e coroa. Abaixo vemos a biblioteca e ao lado da mesma há uma pessoa (homem palito) na cor verde clara e sobre essa pessoa há riscos vermelhos que representam a chuva (segundo informou a criança).

Figura 10

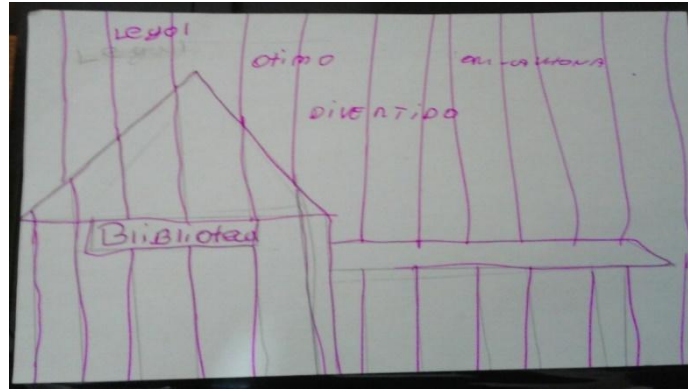


Fonte: Desenho de uma criança de 10 anos (M15)

Na figura 10, acima, o sol e o arco-íris juntamente com o coração com asinhas e coroa sugerem que a criança está se sentindo feliz, e a pessoa de braços abertos debaixo da chuva pode estar sugerindo que essa criança está gostando de ficar se molhando na chuva, e isto é algo que muitas crianças realmente gostam de fazer.

- b) Categoria Ambiência** – Nesta categoria estão listados os elementos que compõem os espaços da biblioteca, ou seja, a construção (o prédio da biblioteca), a educadora (“sora” – grifo nosso) e os livros.

Figura 11



Fonte: Desenho de uma criança de 11 anos (M13)

A figura 11 acima, apresenta a folha ocupada com linhas verticais paralelas, espaçadas entre si, na cor rosa forte. No canto inferior esquerdo há a fachada de uma casa com uma placa onde está escrito **biblioteca** (grifo nosso) e ao lado há uma forma retangular que sugere representar uma estante de livros. As linhas verticais que ocupam toda a folha podem estar representando as estantes que ficam encostadas nas paredes da biblioteca Nova Chocolate. As palavras “**Legal, Ótimo, Divertido, Brincalhona**” (grifos nossos) que aparecem escritas no desenho sugerem que sejam a expressão dos sentimentos dessa criança em relação à biblioteca, ou seja, essa criança sente que a biblioteca é um local onde pode brincar e se divertir.

- c) Categoria Simbolismo** - Esta categoria tem apenas um elemento, o coração, mas isto se justifica por se tratar de um elemento que aparece com frequência nos desenhos e possuir um caráter subjetivo/simbólico associado a ele. O coração está associado à afetividade, aos sentimentos de amor e carinho que as crianças manifestam em relação à educadora e que é corroborado pelas palavras que aparecem escritas em alguns dos desenhos.

Na figura 12, na página seguinte, está representado um coração, localizado na parte central da folha, pintado na cor vermelha e dentro dele estão escritas as palavras

“**Alegria e Amor**” (grifos nossos) sugerindo que sejam a manifestação dos sentimentos dessa criança em relação à educadora e/ou biblioteca.

Figura 12



Fonte: Desenho de uma criança de 8 anos (F19)

- d) Categoria Motivações** - Na categoria Motivações estão listados os motivos que fazem as crianças gostarem da biblioteca, ou seja, “**brincar/divertir, ler, aprendo muitas coisas e gosto de desenhar.**” (grifos nossos). Foram palavras que as crianças escreveram nos desenhos, significando o que elas sentem em relação à biblioteca.

Abaixo vemos a figura 13 onde o fundo foi todo pintado na cor verde forte e no centro da folha está desenhado um coração pintado na cor vermelha.

Figura 13



Fonte: Desenho de uma criança de 9 anos (F21)

Na figura 13, da página anterior, o coração está associado à afetividade, aos sentimentos de amor e carinho, enquanto que as frases “**Eu gosto da biblioteca porque nela eu aprendo muitas coisa (sic)**” e “**E porque eu gosto de desenhar (sic)**” são as manifestações das motivações que levam essa criança a frequentar a biblioteca, ou seja, a vontade de aprender e o amor pelo ato de desenhar.

Abaixo, na figura 14, os traços estão muito leves, quase apagados, e há dois morros na cor verde, sendo que o da esquerda tem as seguintes palavras escritas dentro dele: “**brincadeiras, diverção (sic), brincar e ler**”. (grifos nossos). No morrinho da direita vemos uma criança pequena segurando um livro (a criança escreveu a palavra livro no desenho) e do lado direito uma pessoa adulta com uma bola a seus pés. No centro da folha tem o desenho de um sol, que parece uma flor, desenhado a lápis e sem colorir. Chama a atenção o fato de as pessoas não apresentarem feições.

Figura 14



Fonte: Desenho de uma criança de 11 anos (M13)

O desenho acima parece sugerir que a criança fez a representação da rua em que a biblioteca está localizada, que fica numa subida um pouco íngreme; e vemos uma pessoa menor com um livro na mão (está escrito no desenho) e a outra pessoa, maior, com uma bola a seus pés. Parece sugerir que para essa criança na biblioteca ela encontra as duas coisas: os livros e a brincadeira (jogar bola). E essa interpretação pode ser corroborada pelas palavras “**brincadeiras, diverção (sic), brincar e ler**” que estão escritas no desenho.

- e) **Categoria Emoções/Sentimentos:** Estão listadas palavras que aparecem nos desenhos demonstrando emoções/sentimentos das crianças, como por exemplo: **“legal, alegria, ótimo, amor, adoro vc, D+. Bonita”** (grifos nossos), etc.

Figura 15



Fonte: Desenho de uma criança de 12 anos (F14)

Na figura 15, acima, há mais palavras do que desenhos. Bem no centro da folha há um coração vermelho pequeno com pontinhos pretos e, abaixo dele está escrito o nome Rafaela (nome da educadora ou “sora” – grifo nosso) em letras caixa alta, cada letra numa cor diferente da outra. No lado esquerdo inferior há o desenho de uma menina de cabelo preto, comprido, e com laço na cabeça; blusa vermelha e saia verde (ou calça). As pernas são em cor marrom e tem os pés. Tem as seguintes palavras escritas: **“Adoro Vc!, D+ e Bjs”** (grifos nossos). O retângulo branco no canto superior esquerdo foi inserido pela estudante para ocultar a identidade da criança, porque ela havia assinado o seu nome nesse local. No entanto, o nome da educadora (Rafaele) foi mantido porque arruinaria o desenho. Nesse desenho estão claramente manifestados os sentimentos de amor e carinho da criança em relação à educadora.

Na página seguinte, na figura 16, a criança fez o contorno da mão aberta e dos dedos com caneta cor de rosa. Nos dedos estão escritas as seguintes palavras (da direita para a esquerda): **“Legal, Aprende, Bonita”** (grifos nossos), classificadas na **categoria Emoções** e as frases **“Boa para brincar”** e **“Aprende a ler”** (grifos nossos) que foram classificadas na **categoria Motivações**. No punho está escrito **“Biblioteca”** (grifo nosso). Os retângulos brancos que aparecem no desenho foram inseridos pela estudante, novamente para preservar o anonimato da criança, porque

ela havia escrito o seu nome nestes locais. Além disso, no canto superior esquerdo está a letra B grande na cor verde e o retângulo amarelo com riscas rosas, que sugerem a referência à biblioteca (letra B) e às estantes (retângulo amarelo). Tanto o desenho da mão como a letra B não foram possíveis de classificar nas categorias existentes.

Figura 16



Fonte: Desenho de uma criança de 12 anos (F14)

Na figura acima as palavras escritas nos dedos sugerem que são manifestações das motivações que levam essa criança a frequentar a biblioteca, bem como dos sentimentos que ela nutre em relação à educadora e/ou biblioteca.

Analisando os desenhos infantis apresentados neste estudo verificamos a representação tanto de sentimentos de amor e carinho em relação à educadora e/ou biblioteca, como referências às atividades de socialização/interação com os demais usuários da biblioteca, sugerindo que os espaços da biblioteca exercem tanto o papel de local de socialização como de espaço de aprendizagem/acesso à cultura/informação.

Finalizando, no dia-a-dia da biblioteca Nova Chocolatão é frequente as crianças chegarem e pedirem papel e lápis para desenho, porém, como a Ong Cirandar orienta os educadores a estimularem a leitura, é costume pedir que elas leiam primeiramente três livros antes de receberem o material para desenho.

A seguir comentaremos os resultados encontrados e estabeleceremos relações com os conceitos da Psicologia Ambiental.

6 DESVENDANDO OS MISTÉRIOS: comentando os resultados apurados no Diário de Campo e nos Desenhos Infantis

Neste espaço faremos o vínculo dos elementos oriundos da análise dos dados coletados com o referencial teórico da Psicologia Ambiental.

Iniciaremos discorrendo brevemente sobre o palco desta história, ou seja, a biblioteca comunitária Nova Chocolate, que é uma instituição pública criada para suprir as necessidades de cultura/informação dos moradores da comunidade da Vila Nova Chocolate. Fica situada na rua principal da vila e é frequentada principalmente por crianças.

Segundo a política da Ong Cirandar, gestora da biblioteca, a missão da biblioteca é a formação de novos leitores e o incentivo à leitura, portanto o acervo de livros é composto majoritariamente de literatura infantil e juvenil. Além disso, a Ong Cirandar dá preferência para a contratação de educadores que residam nas imediações das bibliotecas, pois entende que isto facilita a inserção/aproximação da biblioteca na comunidade. De forma que a educadora que cuida da biblioteca é uma jovem que conhece as crianças e os moradores, com quem convive diariamente na vila. E, por ser jovem, o seu relacionamento com as crianças é bastante informal, íntimo e afetuoso.

O processo de apropriação do espaço, conforme Pol (1996, p. 52):

[...] compreende os processos simbólicos, cognitivos, afetivos e interativos, tanto evolutivos como estruturais, através dos quais um espaço se transforma num lugar e se produz a identificação do sujeito ou grupo social com o entorno. É a partir de tudo isto que as cores, as formas, a luz, os aromas, as perspectivas, etc. podem dar uma impressão de prazer, posse e realização, enquanto que o desagradável pode causar uma sensação de estranheza, de alheamento. (POL, 1996, p. 52)

Contudo, devido ao fato da biblioteca Nova Chocolate ser um espaço público o processo de apropriação do espaço se manifesta através da identificação ou componente simbólica. Neste sentido o arranjo espacial da biblioteca exerce um importante papel, pois segundo Campos-de-Carvalho (2011, p. 70) “[...]refere-se à maneira como os móveis e equipamentos existentes em um local estão distribuídos e posicionados entre si. [...] além de promover certas práticas interativas e limitar outras, circunscreve ações, emoções, expectativas e significações das pessoas usuárias

daquele contexto ambiental”. Significa que as paredes coloridas em tons quentes e fortes, os caixotes de frutas pintados de branco contendo os livros infantis, as almofadas e pufes coloridos, os enfeites confeccionados pelas próprias crianças enfeitando as paredes da biblioteca; enfim, todos estes aspectos contribuem para a vinculação afetiva das crianças com a biblioteca, pois tornam o ambiente receptivo e acolhedor, fazendo com que a criança deseje retornar.

Ainda em relação ao arranjo espacial, embora estejamos falando de uma biblioteca, citamos como exemplo algumas características que as escolas atualmente vêm adotando em seus espaços, tais como:

[...] prover o espaço com materiais não reverberantes para atenuar o ruído, o uso de cores alegres e texturas quentes, mas por sua vez resistentes e facilmente reparáveis, visto que o desgaste e o vandalismo podem ser fortes; ou seja, uma decoração leve, plástica, transformável, para que a apropriação não cause a deterioração do ambiente, como ocorre frequentemente. (POL, 1996, p. 55).

Mesmo se tratando de uma biblioteca, tais características são adotadas na biblioteca Nova Chocolate, visto que os gestores da Ong Cirandar buscam desta forma atrair as crianças e os jovens para o local. Complementando o exposto, nos espaços infantis deve haver áreas para descanso, com almofadas e tapetes, além de espaços que permitam que a criança usufrua de alguma privacidade e possa ficar só ou em pequenos grupos. E o educador deve estimular as crianças a explorar os espaços, transmitindo-lhes confiança e segurança. (CAMPOS-DE-CARVALHO, 2011).

Outro aspecto a ser citado é o papel que esta biblioteca desempenha na formação da identidade social destas crianças, visto que a apropriação do espaço promove o sentimento de pertencimento, conforme Valera (1996, p. 80, tradução nossa): “A identidade social se deriva basicamente do pertencimento e afiliação a grupos sociais, sócio profissionais, grupos étnicos, religiosos, nacionais, etc. com os quais as pessoas se identificam e geram um grupo que compartilha atribuições internas e externas que definem o que caracteriza a sua identidade.”

No convívio do ambiente da biblioteca onde interagem com outras crianças e/ou adultos, as crianças vão conhecendo suas potencialidades, seus limites e construindo/definindo sua personalidade; e é também através do contato interpessoal que elas vão exercitando a habilidade de lidar com o outro e ser aceito, se sentindo

parte integrante do grupo e desenvolvendo o sentimento de pertencimento, que irá contribuir para fortalecer sua autoimagem e auto aceitação.

Na biblioteca comunitária Vila Nova Chocolatão as crianças entram correndo, pulando, falando alto, rindo e conversando, enfim, sendo espontâneas e desinibidas. Percebe-se que elas estão completamente à vontade, sentem-se em casa, e demonstram isto de várias formas, como por exemplo, jogando almofadas uns nos outros, brincando de pegar dentro da biblioteca, dando risada, etc.

Na análise de conteúdo dos relatos do Diário de Campo emergiram situações demonstrando a intimidade/familiaridade das crianças com os espaços da biblioteca, como por exemplo os elementos temáticos da categoria Brincadeiras (brincar de luta, brincar de pegar, jogar almofadas, correr/rolar, etc.) sugerindo que as crianças procuram o local para a diversão. E este fato foi corroborado nos desenhos infantis onde apareceram palavras também destacando o brincar/divertir.

Na categoria Descontração encontramos manifestações da intimidade e informalidade com que as crianças desfrutam o ambiente, como por exemplo “falar em voz alta, cantar/assobiar/ouvir música no celular, dar risada”, etc., demonstrando que essas crianças se sentem à vontade, relaxadas, desinibidas para se comportarem com naturalidade e familiaridade dentro daquele espaço.

Em relação aos desenhos infantis, destacamos a representação de elementos da Natureza (sol, árvores, flores, frutas, chuva, etc.), presentes em vários desenhos, incluindo a representação de pessoas; e este fato condiz com a visão de Pillar (1996, p. 213) sobre o repertório gráfico da criança “[...] sendo os mais comuns a figura humana, a casa, as plantas, os animais e os automóveis. ”

Chamou a atenção o fato de desenharem a biblioteca e a educadora (“sora” - grifo nosso), o que manifesta o vínculo afetivo com essa pessoa e com o local, demonstrando que essas crianças se sentem apreciadas e queridas, pois elas recebem carinho, atenção e afeto por parte dos educadores e voluntários; o que muitas vezes em seus lares não recebem. E elas retornam quase que diariamente em busca daquela pessoa (educador), assumindo atitudes de familiaridade e intimidade e demonstrando ciúmes quando outra criança está requisitando a atenção do mesmo.

Segundo Cavalcante e Elias (2011, p. 63) “Apropriar-se significa também exercer domínio sobre um espaço e objetos, embora não seja necessário ter sua posse legal. [...] a pessoa se projeta no espaço ao mesmo tempo que o introjeta”. De forma que estes comportamentos sugerem que as crianças efetivamente se

apropriaram do espaço e nutrem um sentimento de familiaridade e posse em relação tanto à educadora como à biblioteca.

Como exemplo da situação acima descrita, citamos o caso de um menino de 5 anos que vinha todos os dias, se sentava e lia um livro e depois deixava esse livro na estante. Quando a educadora perguntou porque ele não levava o livro para a sua casa, ouviu a seguinte resposta: **“porque aqui é minha casa”**. Esta resposta demonstra o sentimento de apropriação do espaço, no caso a biblioteca, e também o sentimento de pertencimento, demonstrando que o menino se sentia como parte integrante do local, como se ali ele estivesse em sua casa.

Para que isto ocorra é preciso que a criança se sinta parte de espaços que proporcionem liberdade de movimentos, de circulação e de interação com outras crianças e adultos. Nesse sentido a apropriação do espaço fica evidente quando a criança adentra o ambiente da biblioteca dirigindo sua “motinho” /bicicleta (grifo nosso) como se estivesse no pátio de sua casa ou na rua; quando ela traz sua caneca de bolachas com leite para comer na biblioteca ou ainda, quando traz o seu bichinho de estimação (hamster). Estas atitudes evidenciam que a criança entende o espaço da biblioteca como extensão de sua própria casa, demonstrando que aquele ambiente lhe é familiar, ela se sente segura e acolhida e traz suas próprias coisas porque tem liberdade para fazê-lo e porque acha isto normal.

Também destacamos a presença nos desenhos de frases e palavras expondo os sentimentos/emoções dessas crianças em relação à educadora e à biblioteca, como por exemplo: **“Adoro vc!, D+, bonita, legal, divertido, ótimo, aprendo muitas coisas, gosto de desenhar”**, etc. Tais expressões reforçam a percepção do sentimento de apropriação do espaço conforme já foi citado no parágrafo acima.

Pelos fatos expostos fica evidente que as crianças usuárias da biblioteca comunitárias Nova Chocolatão se apropriaram do espaço e demonstram possuir o sentimento de pertencimento em relação a esse ambiente, validando a relevância do presente estudo.

Na continuação veremos as considerações finais da estudante sobre o presente estudo.

7 ENCERRANDO A JORNADA

Encerrar uma história não é tarefa fácil, pois sempre achamos que há algo mais a acrescentar, correndo o risco de nos alongar demais e nos tornarmos cansativos. Porém, é chegada a hora de colocar um ponto final, ao menos no presente texto, já que felizmente a biblioteca irá continuar existindo.

Neste estudo, por várias vezes, apresentamos de forma elogiosa a biblioteca comunitária enquanto nos referíamos de forma crítica às bibliotecas tradicionais; contudo, são realidades completamente distintas, embora cada uma tenha seus pontos fortes e fracos. Na biblioteca tradicional a estrutura é mais formal, rígida, com uma decoração mais clássica e austera, exigência de um comportamento mais contido e silencioso e obediência à normas tácitas de comportamento dentro do recinto da biblioteca. Este comportamento se justifica de certa forma nas bibliotecas escolares e/ou universitárias que são dedicadas ao estudo e à pesquisa, portanto, necessitando um comportamento mais introspectivo e um ambiente mais silencioso e organizado.

Já a biblioteca comunitária surgiu como uma alternativa da sociedade civil à ausência de biblioteca pública nos bairros periféricos das cidades, embora não possua um acervo voltado para o ensino formal e pedagógico, usualmente atribuído às bibliotecas públicas. Além disso, por estar inserida em bairros pobres afastados do perímetro central urbano, possui um arranjo espacial mais descontraído e informal; portanto, as paredes são coloridas e em tons fortes, o mobiliário é simples (na maioria das vezes conseguido através de doações), não há exigência de silêncio e as crianças tem liberdade de entrar e sair, falar alto, rir e conversar.

Por outro lado, a biblioteca comunitária acaba por exercer atividades que não são de sua competência original, visto que muitas vezes a educadora e/ou voluntários acabam assumindo o papel de “cuidadores das crianças” (grifo nosso), quase como se fosse uma “creche” (grifo nosso) porque muitas famílias mandam seus filhos para o local para serem cuidados pela “tia da biblioteca” (grifo nosso); enquanto que a função original seria de formar novos leitores, incentivar a leitura e as atividades culturais próprias da comunidade.

E o fato da educadora ser moradora do bairro e conhecida das crianças faz com que elas se sintam à vontade, no comando, porque não há uma autoridade estabelecida por alguém desconhecido, mas sim uma pessoa que mora e vive próxima a eles, com quem mantêm laços afetivos e um relacionamento amistoso e de

intimidade. De forma que a educadora sente dificuldade em impor restrições/limites para os comportamentos liberais dessas crianças, tornando o ambiente por vezes agitado e confuso, fugindo ao perfil de ambiente de leitura.

Contudo, é normal nas crianças saudáveis a inquietação física e mental, a agitação, a alegria, a correria, pois estão descobrindo o mundo e a si mesmas através da interação com outras crianças e também com os adultos. Certas atitudes entre as crianças fazem parte das dinâmicas infantis, do relacionamento em grupo. Assim, implicar uns com os outros, puxar o cabelo, empurrar, etc. tanto podem ser momentos de brincadeira entre eles como podem vir a se transformar em brigas e agressões. No entanto, se o adulto responsável não souber impor limites e restringir certos comportamentos abusivos, as crianças irão tomar conta e se sentir soltas para fazerem o que quiserem.

Outro aspecto a destacar é que na Vila Nova Chocolateira a vulnerabilidade social faz parte do cotidiano, visto que as famílias de muitas dessas crianças foram compulsoriamente transferidas/reassentadas neste local, tendo perdido a sua fonte de renda original que era a catação de resíduos no centro histórico de Porto Alegre. Além disso, o tráfico de drogas e a violência estão presentes no dia-a-dia da vila e na vida das crianças, refletindo em seus comportamentos e modos de ser.

Para concluir é importante destacar o importante papel que essa biblioteca desempenha ao possibilitar o desenvolvimento da apropriação do espaço, identidade de lugar e sentimento de pertencimento, contribuindo tanto para a construção da identidade social como para o desenvolvimento do sentimento de cidadania, além de propiciar a sensação de acolhimento, proteção e segurança necessárias para um desenvolvimento sadio mental e físico.

REFERÊNCIAS

ADLER, Alfred. **A ciência da natureza humana**. 6 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967. 258 p.

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. **Biblioteca pública: avaliação de serviços**. Curitiba: Eduel, 2003. 288 p.

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas**. Londrina: Ed. UEL, 1997. 171 p.

AMANCIO, Cristiane Ferreira Cunha. **Desenho infantil enquanto objeto de investigação psicopedagógica**. 2006. 39 f. Monografia apresentada como trabalho final do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Psicopedagogia. Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2006.

BADKE, Todêska. Biblioteca popular: uma experiência no bairro das Laranjeiras. **Palavra-chave**, São Paulo, n. 4, p. 18-19, mai. 1984.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1978. 228 p.

BASTOS, Gustavo Grandini; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. A construção de bibliotecas comunitárias e o desejo de acessar: sentidos em movimento. **DataGramZero - Revista de Informação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, artigo 03, 19 p., ago. 2011.

CAMPOS-DE-CARVALHO, Mara Ignez. Arranjo espacial. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (Org.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. cap. 6, p 70 - 82.

CAVALCANTE, Sylvia; ELIAS, Terezinha Façanha. Apropriação. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (Org.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. Cap. V. p. 63-69.

CENTRO DE INTEGRAÇÃO DE REDES SOCIAIS E CULTURAS LOCAIS. **Cirandar**. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://cirandar.org.br/>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Ed. Briquet de Lemos, 2008. 451 p.

DEPARTAMENTO MUNICIPAL DE HABITAÇÃO DE PORTO ALEGRE (DEMHAB). **Projeto de Reassentamento da Vila do Chocolate**. Out. 2013. Disponível em:

<<http://www.abc.habitacao.org.br/wp-content/uploads/2012/10/3-demhab-rs.pdf>>
Acesso em: 22 out. 2015.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Rio de Janeiro: O Globo, 2003. 479 p.

ELVAS, Susana; MONIZ, Maria João Vargas. Sentimento de comunidade, qualidade e satisfação de vida. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 3, n. XXVIII, p. 451-464, 2010.

FARIA, Stephânia Silveira Pereira. **O Desenho infantil como instrumento importante para o trabalho psicopedagógico institucional**. Disponível em: <<http://pedagogiastephania.blogspot.com.br/2014/11/o-desenho-infantil-como-instrumento.html>. > Acesso em: 31 out. 2015

FERREIRA, Carminda Nogueira de Castro. Biblioteca pública é biblioteca escolar? **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 11, n.2/2, p. 9-16, 1978.

GONÇALVES, Teresinha Maria. **Cidade e Poética**: um estudo de Psicologia Ambiental sobre o ambiente urbano. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007. 208 p. (Coleção Educação em Ciências).

GONÇALVES, Teresinha Maria. Habitação e sustentabilidade urbana. **Revista INVI**, Santiago, v. 24, n. 65, p. 113-136, mai 2009.

GÜNTHER, Hartmut; PINHEIRO, José Q.; GUZZO, Raquel Souza Lobo (Org.). **Psicologia Ambiental**: entendendo as relações do homem com seu ambiente. 3 ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2014. 226 p.

HAGERTY, Bonnie M. et al. Sense of belonging: a vital mental health concept. **Archives of Psychiatric Nursing**, Oxford, UK. v.6, p. 172-177, 1992.

HILL, Laura Griner; WERNER, Nicole E. Affiliative motivation, school attachment, and aggression in school. **Psychology in the Schools**, Oxford, UK, v. 43, p. 231-246, 2006.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1986 p.

ISHAK, Zahari; CHEW, F.P. Family bonding and self-concept: an indirect effect mediated by school experiences among students. **International of Social and Human Sciences**, [S. L.], v. 6, p. 513-516, 2012.

ITTELSON, William H. et al. **An introduction to Environmental Psychology**, Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1974.

ITTELSON, William H. et al. Homem Ambiental. **Laboratório de Psicologia Ambiental**, Brasília, n. 14, 9 p., 2005. (Série: Textos de Psicologia Ambiental).

JESUS, Marisa S. de. **Implantação de bibliotecas comunitárias nos municípios do estado da Bahia**. Salvador, BA. 2011. Disponível em:
< <https://bibliotextos.wordpress.com/2011/08/30/>> Acesso em: 17 jun. 2015.

LIMA, Deyseane Maria Araújo; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Vinculação afetiva pessoa-ambiente: diálogos na psicologia comunitária e psicologia ambiental. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v.40, n. 4, p. 491-497, out. /dez. 2009.

LÓPEZ, Graciela Baldi; QUIROGA, Eleonora García. Una aproximación a la psicología ambiental. **Fundamentos em Humanidades**, San Luís/AR, v. 13-14, n. 1 e 2, p. 157-168, 2006.

LUQUET, Georges-Henri. **O Desenho Infantil**. Porto: Livraria Civilização Editora. 1969. 253 p.

MACHADO, Elisa Campos. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n.1, p. 80-94, jul. /dez. 2009.

MACHADO, Elisa Campos; VERGUEIRO, Waldomiro. A prática da gestão participativa em espaços de acesso à informação: o caso das bibliotecas públicas e das bibliotecas comunitárias. **Rev. Intern. Bibl.** Medellín (Colômbia), v. 33, n. 1, jan. /jun. 2010.

MALINOVSKI, Bronislaw, **Os argonautas do Pacífico Ocidental**. 1984. Disponível em:
<<https://extensaoantropologia.files.wordpress.com/2013/02/malinowski-argonautas-introducao-objeto-metodo-e-alcance-desta-investigacao.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2015.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 405 p.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2007. 315 p.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. Tradução de José Carlos Bruni et al. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 3-48.

MELO, Rosane Gabriele C de. Psicologia Ambiental: uma nova abordagem da psicologia. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 2, cap. 1-2, p. 85-103, 1991.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê, 2002. 116 p.

MORIGI, Valdir José; VANZ, Samile Andréa de Souza; GALDINO, Karina. Cidadania, Novos Tempos, Novas Aprendizagens: Novos profissionais? **Em Questão**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 69-78, jan. /jul. 2003.

MOURÃO, Ada Raquel Teixeira; CAVALCANTE, Sylvia. Identidade de lugar. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, cap. 17, p. 208-216.

NATIVIDADE, Michelle Regina da; COUTINHO, Maria Chalfin; ZANELLA, Andréa Vieira. Desenho na pesquisa com crianças: análise na perspectiva histórico-cultural. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 9–18, jan. /jun. 2008.

PAIVA, Alcione Vieira de; CARDOSO, Luana Carolina Rodrigues. **A importância do desenho infantil no processo de alfabetização**. Porto Alegre, 26 ago. 2010.

Disponível em:

<<http://www.pedagogia.com.br/artigos/desenhonaalfabetizacao/>> Acesso em: 31 out. 2015.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. 370 p.

PIAGET, Jean; INHELDER, Bärbel. **A psicologia da criança**. 2 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1973. 137 p.

PILLAR, Analice Dutra. **Desenho e escrita como sistemas de representação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. 214 p.

PINHEIRO, José Queiroz; CORRAL-VERDUGO, Victor. Environmental Psychology in Latin America: 1996-2006. **Medio Ambiente y Comportamiento Humano**, México, v. 8, cap. 1 e 2, p. 29-48, 2007.

POL, Enric. La apropiación del espacio. In: IÑIGUEZ, Lupicínio; POL, Enric. Cognición, representación y apropiación del espacio. **Psico-socio-Monografies Ambientales**, Barcelona, v. 9, p. 1-62, 1996.

POL, Enric. Blueprints for a History of Environmental Psychology (I): from first birth to American transition. **Medio ambiente y comportamiento humano**, Barcelona, v. 7, n. 2, p. 95-113, 2006.

POL, Enric. Blueprints for a History of Environmental Psychology (II): from Architectural Psychology to the challenge of sustainability. **Medio ambiente y comportamiento humano**, Barcelona, v. 8, n. 1 e 2, p. 1-28, 2007.

POL, Enric; VALERA, Sergi; VIDAL, Tomeu. Psicología ambiental y procesos psicosociales. In: F. Morales (Ed.). **Psicología Social**. Madrid: Mc Grow Hill, 1998, cap. 24. p. 318-334.

PROSHANSKY, Harold M. **Psicología Ambiental**: el hombre y su entorno físico. México: Trillas, 1978. 875 p.

SANDER, Isabella. Moradores cobram avanço na nova Vila Chocolate. **Jornal do Comércio**. Porto Alegre, 21 out. 2013. Disponível em: <<http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=137650>>. Acesso em: 04 nov. 2015.

SARRIERA, Jorge Castellá; SAFORCADA, Enrique Teófilo; INZUNZA, Jaime Alfaro (Org.). **Perspectiva psicossocial na saúde comunitária**: a comunidade como protagonista. Porto Alegre: Sulina, 2015. 325 p.

SAWAIA, Bader B. O calor do lugar, segregação urbana e identidade. **São Paulo em Perspectiva**: Questões urbanas, os Sentidos das Mudanças. São Paulo, v. 9, n.2, p. 20–24, abr./jun. 1995.

SILVA, Elizangela Aparecida da. et al. Fazendo arte para aprender: A importância das artes visuais no ato educativo. **Pedagogia em ação**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 1-117, nov. 2010. Semestral. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/viewFile/4850/5029>>. Acesso em: 31 out. 2015.

SILVA, Vera Lucia Mangas da. **Cultura e Informação**: um estudo da rede de bibliotecas populares da cidade do Rio de Janeiro. 2004. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

TUAN, Yi-Fu. **Space and place**: the perspective of experience. Minneapolis: University of Minnesota Press, c1977. 235 p.

VALERA, Sergi. Psicologia Ambiental: bases teóricas y epistemológicas. In: IÑIGUEZ, Lupicínio; POL, Enric. Cognición, representación y apropiación del espacio. **Psico-socio-Monografías Ambientales**, Barcelona, v. 9, cap. 1, p. 1-29, 1996.

VÁLIO, Elise Benetti Marques. Biblioteca: uma visão histórica. **Transinformação**, Campinas, v. 2, n. 1, p. 15-24, jan. /abr.1990.

VIDAL, Tomeu. Psicología Ambiental: Disciplina de la Psicología u objeto interdisciplinario? **On the w@terfront**, Barcelona, v. 34, n. 3, p. 5-26, feb. 2015.

VILA DO CHOCOLATÃO. Blog. Porto Alegre. 2015. Disponível em:
<http://viladochocolatao.blogspot.com.br/2012/09/vila-do-chocolatao-remocao-e-impactos_20.html>. Acesso em: 22 out. 2015.

WIESENFELD, Esther. A Psicologia Ambiental e as diversas realidades humanas. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 16, n. 1-2, p. 53-69, 2005.